Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quinta-feira 12.9.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 756 / € 1,50 / Diretor Filipe Alves Diretores Adjuntos Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino

História
Memória de Amílcar Cabral em reconstrução no seu centenário
PÁGS. 20-21

Gulbenkian
Mais luz e mais jardim no novo Centro de Arte Moderna
PÁGS. 24-25

Futebol
Sporting tem o plantel mais valioso da I Liga. FC Porto ultrapassou Benfica
PÁG. 22

ASSALTO AO MINISTÉRIO

Blasco abre auditoria a falha de segurança com secretário-geral do MAI na mira

EXCLUSIVO O inquérito foi aberto a seguir à detenção pela PSP do suspeito que se introduziu nas instalações da Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna, sabe o DN. Seleção de agentes da PSP também será revista.
PÁG. 3

A vice-presidente Harris, o presidente Biden, o ex-*mayor* Michael Bloomberg e o ex-presidente Trump na cerimónia, em Nova Iorque, de homenagem às vítimas do 11 de Setembro.

MICHAEL M. SANTIAGO / GETTY IMAGES

EUA O que mudou entre o 1.º aperto de mão de Trump e Harris no debate e o 2.º no Ground Zero? PÁGS. 16-17

OE2025
PS quer "perceber" que "propostas" vai o Governo colocar no Orçamento
PÁG. 6

Audição
PGR foi ao Parlamento e saiu como entrou: com mais questões no ar do que respostas dadas
PÁG. 7

TAXAS DE JURO
É quase certo que o BCE vai cortar hoje 25 pontos. A incerteza vem a seguir
PÁGS. 4-5

Educação
Faltam centenas de professores, recursos informáticos e obras de requalificação nas escolas
PÁGS. 10-11

Editorial

Filipe Alves
Diretor do Diário de Notícias

Orçamento e bom senso

O Orçamento do Estado para o próximo ano vai provavelmente ser aprovado mediante um acordo entre o Governo e o principal partido da oposição, o PS. Há demasiado em jogo para que tal não possa acontecer e, além disso, ninguém quer verdadeiramente um cenário de eleições antecipadas no início do próximo ano. Esta parece ser uma daquelas raras situações em que o interesse próprio dos principais partidos políticos – com exceção do Chega – estará alinhado com o interesse nacional.

Portugal precisa de um Orçamento do Estado que permita uma redução da carga fiscal sobre as empresas e as famílias, tanto a nível de impostos diretos, como indiretos. Mas precisa, antes de mais, de um Orçamento do Estado que abra a porta a verdadeiras reformas em áreas-chave como a Justiça, a Saúde ou a Educação. Caso contrário, o Estado estará a abdicar de receita sem que, em contrapartida, possa existir crescimento económico sustentável e duradouro. A escolha será entre ter mais do mesmo, ou ter melhor Estado.

Neste contexto, tanto o Governo da AD como o Partido Socialista têm a oportunidade de demonstrar que são capazes de fazer mais e melhor do que aquilo que foi conseguido nas últimas décadas. Precisamos de uma Justiça que realmente funcione, de um Sistema de Saúde que vá ao encontro das necessidades dos cidadãos (em vez de os obrigar a rumar ao privado) e de uma Escola que verdadeiramente crie oportunidades para todos. Isto é o mínimo que qualquer português deve exigir do Estado.

O debate entre Donald Trump e Kamala Harris foi alvo de várias análises, com muitos especialistas a atribuírem a "vitória" à ainda vice-presidente dos Estados Unidos. Mas o debate foi mais uma demonstração da extrema polarização da sociedade americana. Podemos achar, como muitos fazem, que Trump é o único culpado pelo nível de extremismo e demagogia do debate político nos Estados Unidos, mas a situação é muito mais complexa do que parece à primeira vista.

No contexto do Orçamento do Estado para 2025, tanto o Governo da AD como o Partido Socialista têm a oportunidade de demonstrar que são capazes de fazer mais e melhor do que aquilo que foi conseguido nas últimas décadas."

O extremismo e a intolerância existe nos dois lados da barricada, definindo-se esta última pela incapacidade de aceitar quem pensa de forma diferente. A grande virtude da democracia não é o facto de podermos viver em liberdade e de podermos escolher os nossos líderes, embora estas sejam vantagens inegáveis e evidentes. A grande virtude da democracia está no facto de podermos viver em paz uns com os outros e de conseguirmos ter transições pacíficas do poder de forma consensual e de acordo com a vontade da maioria do povo. Para tal, é necessário que todas as forças políticas saibam conviver umas com as outras e dialogar quando necessário.

Nos Estados Unidos, a polarização chegou a tal nível que coloca em causa esta característica da democracia. Precisa-se de mais bom senso, prudência e tolerância, deixando de ver cada eleição como a derradeira batalha entre o bem e o mal, porque quando vemos o mundo com essas lentes é fácil desumanizar o adversário e cair no extremismo.

OS NÚMEROS DO DIA

137

MIL CRIMES DE GUERRA
é de quanto o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, acusa as forças russas durante a invasão da Ucrânia, apelando à responsabilização dos países que violam as regras do Tribunal Internacional Penal.

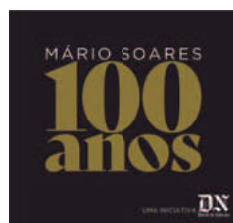
2,2

POR CENTO
de inflação média é quanto a agência de notação financeira Moody's prevê para Portugal, numa "continuação da tendência descendente", beneficiando da diminuição dos preços da energia.

34,8

MILHÕES DE DESEMPREGADOS
é o que resulta da taxa de desemprego de 5% medida em julho pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE) no conjunto dos seus 38 países-membros.

8

ASSASSINADOS
acusados de feitiçaria num distrito da Província da Zambézia, avançou ontem o Comando Distrital da Polícia da República de Moçambique (PRM) naquela região do centro do país.

12.9.2024

Direção: Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Telles, Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Filipa Rodrigues e João Coelho **Dinheiro Vivo** Filipe Alves (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves ***E-mail* geral da redação** dnot@dn.pt ***E-mail* geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em *www.dn.pt*. Tiragem média de fevereiro 2024: 6 084 exps.

Assalto. Blasco instaura auditoria a falha de segurança com secretário-geral do MAI na mira

JUSTIÇA O inquérito foi aberto a seguir à detenção pela PSP do suspeito que se introduziu nas instalações da Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna. Seleção de agentes da PSP também será revista.

TEXTO **VALENTINA MARCELINO**

Marcelo Mendonça de Carvalho, dirigente máximo da Secretaria-Geral (SG) do Ministério da Administração Interna (MAI) deverá ser um dos inquiridos no processo mandado instaurar pela ministra Margarida Blasco para identificar os responsáveis pela falha de segurança que facilitaram a intrusão de um assaltante nas instalações da SG e o furto de oito computadores.

De acordo com o despacho, assinado pela ministra da Administração Interna a 4 de setembro (dois dias após a detenção do suspeito pela PSP), é determinada uma inspeção extraordinária, utilizando métodos de auditoria, visando três objetivos principais: avaliar os factos que permitiram a intrusão no edifício onde funciona a SG do MAI, na Rua de S. Mamede, em Lisboa; quem foi o responsável ou responsáveis pelas falhas de segurança registadas, instaurando os respetivos procedimentos disciplinares; e a apresentação de propostas de medidas para prevenir e colmatar todos os potenciais riscos de segurança.

Marcelo Mendonça de Carvalho, 49 anos, licenciado em Direito pela Universidade Internacional de Lisboa e mestre em Direito pela Universidade Católica de Lisboa, entrou pela primeira vez num Governo em 2005, como assessor de Eduardo Cabrita, na altura secretário de Estado-Adjunto e da Administração Local sob a tutela do primeiro-ministro José Sócrates.

Manteve-se no Governo de Passos Coelho, entre 2013 e 2015, desta vez como adjunto do secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier.

Com o PS de volta a S. Bento em 2015, foi de novo para o Gabinete de Cabrita que o puxou para o MAI quando subiu a ministro da Administração Interna, primeiro como seu adjunto, depois como secretário-geral da SGMAI, em outubro de 2020, embora já estivesse a exercer essas funções desde maio de 2019, conforme está registado no seu currículo publicado em *Diário da República*. A sua comissão de serviço é de cinco anos e só deveria terminar em outubro de 2025.

Quando deixou o Governo, em abril deste ano, o ex-ministro da Administração Interna, José Luís Carneiro, valorizou Mendonça de Carvalho através de um louvor que destacou "excecionais qualidades profissionais e humanas, demonstradas no desempenho das suas funções". Acrescentou que "no âmbito da complexa liderança e gestão da SGMAI, que assume amplas e múltiplas atribuições", realçou "a extrema dedicação à causa pública, a excecional competência profissional, o muito apurado sentido de interesse e serviço público, a elevada solidariedade e diligência, assim como o muito destacado sentido de responsabilidade revelados pelo mestre Marcelo Mendonça de Carvalho".

Questionada pelo DN sobre o facto de a auditoria só ter sido decidida a 4 de setembro, uma semana depois do assalto (a 28 de agosto), fonte governamental justificou a mesma com "o cuidado de não importunar as diligências que levaram à detenção do indivíduo suspeito e à aplicação da medida de coação de prisão preventiva".

Margarida Blasco já terá também dado orientações à PSP para que reveja a seleção dos polícias responsáveis pela segurança das instalações do ministério, em que se incluem as da Secretaria-Geral.

Ministério da Administração Interna promete consequências após assalto à Secretaria-Geral do MAI.

> No próximo dia 20, Margarida Blasco será ouvida à porta fechada pelos deputados da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias.

O oficial responsável, que será também ouvido pela IGAI, não pertencerá à Divisão de Segurança das Instalações, uma unidade especializada nesta matéria. Ao que soube o DN, este responsável estaria de férias quando sucedeu o furto e já não deverá regressar a este posto de trabalho. Blasco pretende profissionais com formação e competências capazes de fazer avaliações de risco e tomar medidas preventivas que impeçam oportunidades como a de 28 de agosto.

Num comunicado divulgado na sequência do furto, o MAI explicou que a intrusão foi possível através dos andaimes existentes num edifício contíguo e admitiu falhas na gravação de imagens pelas câmaras de videovigilância (a resolução das imagens seria muito fraca). Situações que deviam ter sido acauteladas.

No próximo dia 20, Margarida Blasco será ouvida à porta fechada pelos deputados da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias, em resultado de um pedido de audição da governante apresentado pela Iniciativa Liberal (IL), com o requerimento, submetido no dia 30 de agosto (dois dias após o furto), a ser aprovado pelos partidos da oposição, apesar do voto contra do PSD e da abstenção do CDS.

Além da audição de Margarida Blasco, os deputados vão também ouvir o secretário-geral da Administração Interna, Mendonça Carvalho.

O requerimento dos liberais indica a necessidade de um "esclarecimento cabal" sobre o caso, considerando que as informações já divulgadas "demonstram uma aparente inexistência de cultura de segurança em instituições do Estado, nomeadamente naquelas que, pelas suas competências e atribuições, têm mais responsabilidade nessas matérias".

KIRILL KUDRYAVTSEV / AFP

TAXAS DE JURO

É quase certo que o BCE vai cortar hoje 25 pontos. A incerteza vem a seguir

REUNIÃO Christine Lagarde e os restantes membros do Banco Central Europeu também deverão rever as previsões de crescimento e de inflação para a Zona Euro. Analistas admitem novos cortes nas taxas diretoras em outubro e dezembro.

TEXTO **NUNO VINHA**

O BCE deverá cortar hoje as taxas de juro em pelo menos 25 pontos base, naquela que será a segunda descida das taxas diretoras (a primeira foi em junho). A grande questão é: e a seguir, o que virá? Aqui as opiniões dividem-se, mas os especialistas anteveem mais uma, ou mesmo duas, descidas.

"A descida é amplamente esperada, descontada pelo mercado e inserida num ciclo de cortes de taxas que se iniciou em junho. O mercado dá como certo mais um corte de taxas de juro de 25 pontos base até ao fim do ano e 50% de hipóteses de que sejam mais dois, além deste de hoje", diz ao DN o economista Filipe Garcia, da IMF – Informação e Mercados Financeiros.

Na origem desta decisão (largamente esperada) por parte do BCE, estão dois fatores: a desaceleração do crescimento económico na Zona Euro e um aliviar da pressão que estava a ser exercida pelas taxas de inflação,

que têm vindo a descer. A inflação na Zona Euro caiu para 2,2% em agosto, o seu nível mais baixo desde julho de 2021. Não levando em conta as componentes mais voláteis, como a energia e a alimentação, a inflação subjacente também desceu, ainda que ligeiramente, de 2,9% para 2,8%.

Já o PIB da Zona Euro cresceu apenas 0,2% no segundo trimestre, menos do que os 0,3% previstos anteriormente. E os vários elementos do bloco têm mostrado velocidades significativamente diferentes, com a maior economia da zona, a Alemanha, por exemplo, a contrair 0,1%.

Na reunião de junho (aquela em que ocorreu o anterior corte das taxas de juro), o BCE subiu as suas previsões tanto para o crescimento, como para a inflação em 2024. Na altura, previa um crescimento anual para 2024 de 0,9%, seguido de um crescimento de 1,4% em 2025 e 1,6% em 2026. Mas também projetou uma descida da inflação dos 5,4% em 2023 para 2,5% este ano, 2,2% em 2025 e 1,9% em 2026.

"Os membros do BCE estão agora mais confortáveis com a evolução da inflação e sensíveis aos sinais de desaceleração económica na Europa e a nível global", salienta Filipe Garcia.

Carsten Brzeski, responsável a nível global do Departamento de Macroeconomia do ING, concorda. "Com os últimos dados da inflação da Eurozona, um corte de taxas por parte do Banco Central Europeu, é quase um negócio fechado", afirma numa nota de análise sobre a reunião de hoje.

"Esperamos que o próximo corte de 25 pontos base aconteça hoje. Tanto o crescimento económico como a inflação têm sido, em geral, mais fracos do que o esperado pelo BCE durante o verão. Esperamos, por isso, que o BCE ajuste em baixa, ainda que ligeiramente, as suas projeções de crescimento e inflação para 2024 e 2025", salienta por seu lado Michael Krautzberger, diretor de Investimento Global em Obrigações, Allianz Global Investors, numa nota aos jornalistas.

Carsten Brzeski, por seu lado, não espera alterações nas estimativas de crescimento, mas apenas uma ligeira revisão em baixa da inflação para 2025 e 2026, "suportada por preços mais baixos do petróleo e um euro mais forte".

A questão mais antecipada, no entanto, será a do ritmo dos futuros cortes das taxas diretoras. "O facto de a Fed também se preparar para cortar taxas para a semana dará conforto ao BCE em implementar uma política monetária menos restritiva. Esta semana a taxa a 12 meses já cotou abaixo de 3%, o que compara com os níveis acima de 4,20% atingidos há um ano. As Euribor deverão continuar a recuar ao longo deste e do próximo ano, embora seja discutível se o BCE irá cortar as taxas ao ritmo e na dimensão que o mercado está a descontar atualmente. Pessoalmente, não me parece que venham a cortar tanto", sublinha ao DN Filipe Garcia.

Ontem o mercado estava a descontar que a Euribor a 12 meses feche o ano em 2,58% e que no final de 2025 esteja a 2,02%. No caso das taxas a 6 meses, estava a descontar que a cotação esteja a 2,70% no final deste ano e a 1,90% no final do próximo.

Sven Jari Stehn, economista na Goldman Sachs, diz esperar uma pausa nos cortes em outubro, seguido de um terceiro corte de taxas (provavelmente mais 25 pontos base) em dezembro. No entanto, o economista da Goldman Sachs afirma que um corte em outubro ainda pode ser uma possibilidade, caso haja surpresas significativas na evolução da economia europeia.

Também Ruben Segura-Cayuela, economista no Bank of America, antevê um corte de 25 pontos base hoje e um novo corte, na mesma medida, em dezembro.

"O mercado dá como certo mais um corte de taxas de juro de 25 pontos base até ao fim do ano e 50% de hipóteses de que sejam mais dois, além deste de hoje", diz o economista Filipe Garcia.

"Prevemos agora cortes sequenciais de 25 pontos base em 2025, trazendo a taxa de juro nos depósitos para 2% até julho", estima o Goldman Sachs.

"Os indicadores deverão, eventualmente, empurrar o BCE para uma aceleração do ciclo de cortes, com um corte por reunião, de março em diante", antevê o Bank of America.

"Em nossa opinião, uma mexida em outubro ainda não é o cenário principal, mas já não pode ser descartado", adianta a Allianz GI.

É no caminho a seguir, em 2025, no entanto, que surgem as maiores dúvidas.

O economista do Goldman Sachs admite que o BCE possa adotar um ritmo mais agressivo de cortes em 2025, devido "a perspetivas mais fracas para a atividade económica" e um "crescimento mais lento dos salários, que pode ajudar a estabilizar a inflação nos serviços". "Prevemos agora cortes sequenciais de 25 pontos base em 2025, trazendo a taxa de juro nos depósitos para 2% até julho", sublinha Sven Jari Stehn.

Já o Bank of America espera uma redução total de 125 pontos base ao longo de 2025. "Os indicadores deverão, eventualmente, empurrar o BCE para uma aceleração do ciclo de cortes, com um corte por reunião, de março em diante", afirma Ruben Segura-Cayuela, projetando que a taxa de juro nos depósitos atinja os 2% na segunda metade do próximo ano.

"Do outro lado do Atlântico [EUA], após dois relatórios do mercado laboral mais fracos do que o esperado e das históricas revisões em baixa, o mercado das taxas de juro começa lentamente a dar maior probabilidade a um corte de 50 pontos base do que de 25 pontos na taxa diretora", contrapõe, por seu lado, o economista da Allianz GI, Michael Krautzberger.

Se a Fed cortar mesmo em 50 pontos, acrescenta Krautzberger, cria suficiente pressão para que o BCE não espere mais três meses para mexer novamente nas taxas. "Em nossa opinião, uma mexida em outubro ainda não é o cenário principal, mas já não pode ser descartado. Um argumento aqui é que as taxas de juro atuais, próximas de 4%, são claramente muito restritivas e a combinação dos dados atuais pressupõe taxas de juro mais neutrais, cerca de 2%, a serem alcançadas mais cedo ou mais tarde", diz o economista.

Filipe Garcia conclui que "a inversão da política monetária está a acontecer de forma tardia". Na opinião do economista, as taxas de juro subiram mais do que teria sido necessário. "E o discurso até março passado foi, de certa forma inflamatório, tendo em conta os fatores que induziram o ciclo inflacionista e a evolução que já se vinha observando da inflação e da economia", completa.

Imobiliário animado com descida de taxas

O mercado imobiliário nacional registou uma subida de 4 a 5% no volume de transações de casas a seguir ao primeiro corte de taxas de juro do BCE de 2024, na sequência da reunião de junho. O eventual, mas "quase certo", corte de 25 pontos base de hoje, vai reforçar esse efeito, afirmou ao DN Bruno Coelho, CEO do CasaYes, o portal imobiliário detido pelas principais empresas do setor em Portugal.

"Vai ser extremamente positivo em termos de procura. É um sinal para o cliente, que agora tem cada vez mais como certa a expectativa de uma descida real do preço do crédito", salientou. A partir de junho viu-se logo essa aceleração, entre 4% e 5%, sublinhou o responsável.

Já Pedro Rutkowski, CEO da Work, consultora de Real Estate, diz que o corte das taxas "terá um efeito direto nos *yields* [rendimento], já que o imobiliário é um ativo financeiro" e depende do custo do dinheiro. Mas ressalvou que os fundos que investem neste setor estão, neste momento, bem capitalizados, uma vez que continuam a acreditar que ainda estamos num "ótimo momento" para investir no imobiliário nacional.

Nos Estados Unidos, onde a Fed tem sido mais agressiva no ritmo e intensidade do corte das taxas de juro, os mercados antecipam um benefício grande para o setor imobiliário, tanto para compradores, como para quem está na construção.

"Taxas de juro mais baixas podem estimular tanto a oferta como a procura", salienta Greg McBride, analista do Bankrate. "O melhor cenário é uma redução gradual nas taxas, em vez de uma queda abrupta que dê origem a uma onda de procura que a oferta não consiga acompanhar."

Em Portugal, o mercado imobiliário tem um reconhecido problema de falta de oferta de casas no mercado, o que tem impactado significativamente os preços. **N.V.**

PS quer conhecer "propostas" do Governo para Orçamento

NEGOCIAR Socialistas querem "perceber" que tipo de propostas e folga existe no OE2025 para depois "avaliarem" o que devem apresentar. Rendimentos dos mais desfavorecidos são prioridade, mas PS não recusa medidas "calibradas" da AD.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

O "formato e o calendário" nas negociações entre os socialistas e o Governo está por definir, mas tudo indica, segundo as fontes contactadas pelo DN, que só na "próxima semana" é que poderá ficar definido. Até lá, o PS não vai enviar propostas, porque "não foi isso que ficou combinado nem entendido, nem subentendido". E só nessa reunião é que "serão apresentadas propostas, sugestões ou haverá uma discussão substantiva sobre a matéria do Orçamento".

As explicações de Alexandra Leitão, líder parlamentar, em particular os três cenários – "propostas", "sugestões" ou "discussão" –, têm uma explicação. O PS, apurou o DN, "ainda está a analisar os dados entregues pelo Governo para perceber a margem que existe" e, além disso, "quer perceber que tipo de propostas [do Governo] é que estão no Orçamento do Estado, qual é a dinâmica do Orçamento".

Só esse conhecimento, que publicamente nunca foi solicitado ao Governo, é que permitirá aos socialistas, sustenta fonte do PS, a possibilidade de "perceber a folga, que eventualmente exista, para apresentarmos projetos". Quando? "Talvez no final da próxima semana haja algo de mais concreto."

"Ainda não chegámos à fase das propostas. Estamos a olhar bem para os dados [que foram entregues pelo Governo]. Uma análise profunda para que depois possamos avaliar onde devemos incidir", esclarece fonte socialista.

O que parece garantido é o cuidado do PS em "não mexer na salvaguarda" dos 500 milhões, "na reserva" para que, justifica outra fonte do partido, "o equilíbrio orçamental" não seja "beliscado".

Sem "propostas" ou "sugestões" já delineadas, há "duas linhas importantes" para o Partido Socialista: "A salvaguarda dos rendimentos das pessoas, dos mais desfavorecidos, e a economia, o desenvolvimento."

O que significa – é esta a tradução – que o PS, seguindo "as linhas mestras do seu Programa de Governo", acolherá medidas "calibradas" do Governo que "não [estejam] muito distantes do que defendemos".

A dúvida, depois de o PS já ter visto aprovadas cinco iniciativas legislativas – redução do IVA na eletricidade, eliminação de portagens das ex-Scut, exclusão de rendimentos de filhos como condição para acesso ao Complemento Solidário para Idosos, aumento da despesa dedutível em IRS com arrendamento até atingir os 800 euros e o alargamento do apoio ao alojamento estudantil – reside na margem "atual" da argumentação política, considera fonte do PSD, das últimas exigências já feitas pelo PS.

> Governo deverá contactar PS na sexta-feira para que seja acertada nova reunião sobre o Orçamento do Estado. Restantes partidos, provavelmente, só em outubro.

A primeira, a informação nomeadamente sobre o cenário macroeconómico, já foi entregue pelo Governo; a segunda, a recusa do IRS Jovem tal como está, já obteve abertura para que a medida seja "modelada" por parte, por exemplo, do líder parlamentar do PSD. Resta a terceira: a descida do IRC. E aqui surge um argumento que pode "atenuar" dificuldades nas negociações entre PS e Governo: o facto de o impacto orçamental só se verificar em 2026 – daí que a medida não esteja sequer contemplada na estimativa do saldo orçamental.

A recusa de regimes fiscais "profundamente injustos, ineficazes e injustificáveis do ponto de vista orçamental", argumento de Pedro Nuno Santos para inviabilizar o OE2025, está "assim diluída", assegura fonte do PSD.

O ministro da Presidência, António Leitão Amaro, fez ontem questão de lembrar que "todos os partidos [já] apresentaram alguns contributos e ideias, exceto o Partido Socialista".

"Respeitamos a sua opção, mas estamos à espera. A bola, por isso, está do lado do Partido Socialista e quando passar o prazo – que não passou –, quando passar o tempo que o PS pediu, a pausa que o PS pediu, o Governo espera poder receber, e contactará para receber, para saber o que é que vem dessa bola que o PS agora tem nas suas mãos", afirmou.

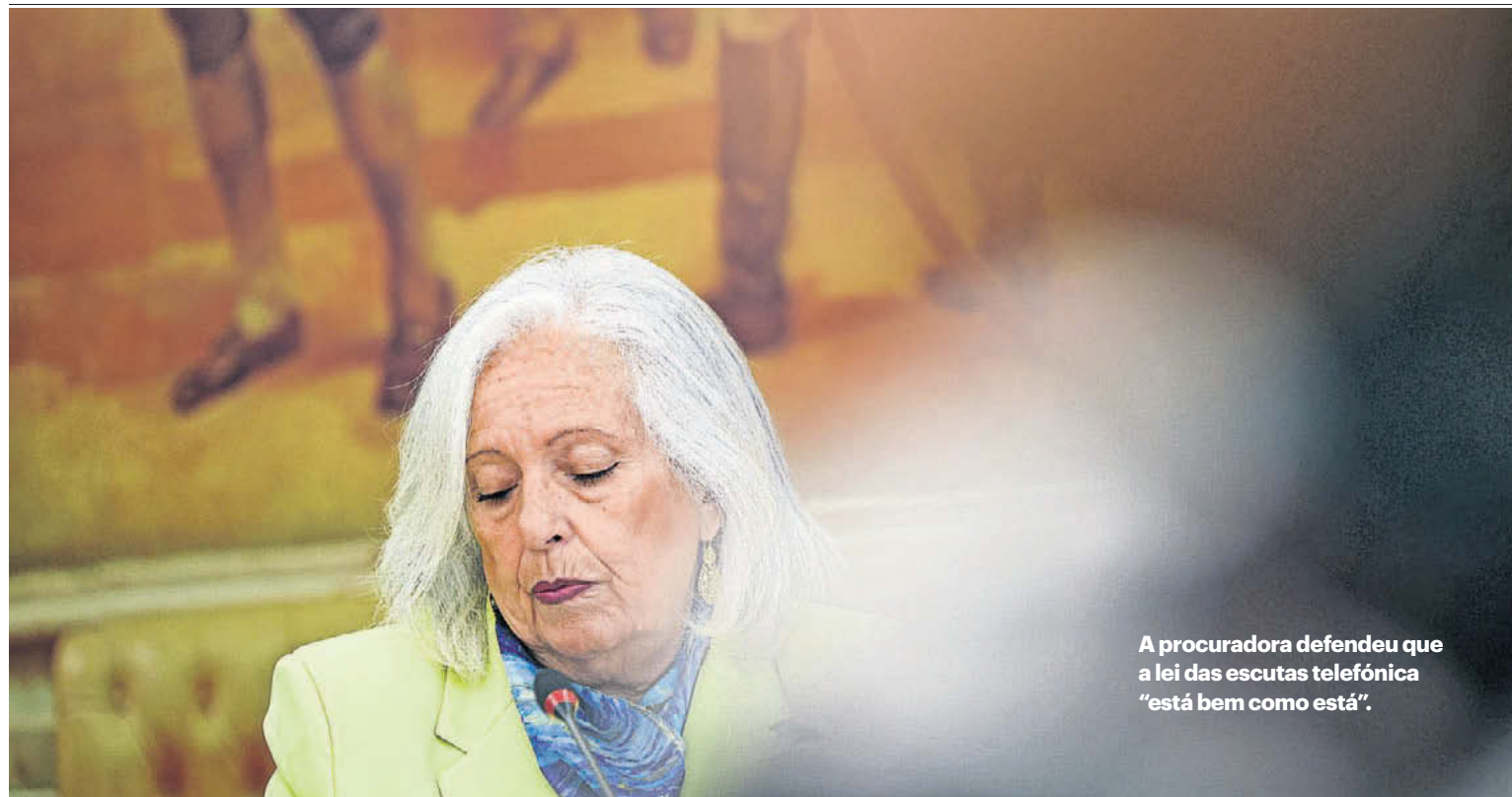
O desafio do ministro já teve resposta. A "bola do PS" ainda não terá propostas para entregar ao Governo "quando passar o tempo" de 48 horas pedido.

"Talvez no final da próxima semana", como referiu ao DN fonte socialista, e talvez "propostas", "sugestões" ou uma "discussão substantiva sobre a matéria do Orçamento", como disse Alexandra Leitão.

Luís Montenegro, que ontem não desalinhou na retórica das metáforas dos seus ministros – "A bola está no lado do PS" –, pediu "que todos estejam a remar para o mesmo lado, que todos estejam a pedalar para a mesma meta".

"Um Orçamento aprovado é evitar a todo custo que haja instabilidade política", disse, reproduzindo o argumento mais repetido por Marcelo Rebelo de Sousa.

Alexandra Leitão, líder parlamentar do PS.

Miranda Sarmento, ministro das Finanças.

A procuradora defendeu que a lei das escutas telefónica "está bem como está".

FILIPE AMORIM / LUSA

PGR foi ao Parlamento e saiu como entrou: com mais questões no ar do que respostas dadas

AUDIÇÃO Ouvida pelos deputados em hora e meia, houve várias dúvidas que não se desfizeram e Lucília Gago garantiu: escutas telefónicas? Só em casos "absolutamente excecionais".

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Lucília Gago foi à Assembleia da República para esclarecer os deputados sobre a atividade do Ministério Público (MP). Mas, no final, as questões por responder foram quase as mesmas. Em cerca de hora e meia, a procuradora-geral da República (PGR) não esclareceu a que se referia quando, em julho, à RTP, falou numa "campanha orquestrada contra o MP". E palavras sobre a *Operação Influencer* (que levou à queda do anterior Governo) também não houve.

Abordadas, no entanto, foram as escutas telefónicas utilizadas durante vários anos para obtenção de prova. Respondendo aos deputados da Comissão de Assuntos Constitucionais – que por várias vezes deixaram críticas ao modo de atuação da Justiça e do MP –, a procuradora-geral recusou instrumentalizar esta ferramenta. Lembrando que é necessária uma autorização judicial para intercetar chamadas telefónicas, Lucília Gago justificou-se dizendo: "O MP só recorre a interceções telefónicas quando considera que são essenciais (...). As situações em que o seu uso foi alargado são absolutamente excecionais." E recorreu depois a alguns números: em 2023, menos de 1,5% de todos os inquéritos judiciais foram feitos com recurso a escutas, e, no geral, "nunca ultrapassaram os 2,5%". Ao todo, anunciou Lucília Gago, houve 10 553 pessoas sob escuta em 2023, uma redução de "mais de cinco mil desde 2015".

Deve a lei ser mexida? "A lei como está, está bem", rematou a PGR. Com José Pedro Aguiar-Branco, presidente da Assembleia da República, sentado na sala a ouvir as explicações, Lucília Gago apontou, no entanto, que "se se quiser perseguir efetivamente" quem viola o segredo de justiça, as escutas poderão ser utilizadas.

Ainda nesta área, Lucília Gago lançou uma acusação, procurando afastar dos magistrados a responsabilidade das fugas de informação: "Surge sobre o Ministério Público uma presunção de culpa, o que é uma coisa extraordinária. Esse clima interessa aos arguidos e respetivas defesas, porque desvia o foco das suspeitas que sobre si recaem sobre crimes de assinalável perigosidade."

Em reação a estas declarações, Paulo Lona, presidente do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, concorda com Lucília Gago. "É algo que preocupa e que é importante estancar. A percentagem de processos em segredo de justiça é pequena, mas é uma situação difícil. São processos complexos, que passam por muita gente, desde oficiais de justiça até às defesas dos arguidos e juízes. Introduzir uma pegada digital podia ser uma solução, por exemplo."

Já Nuno Matos, da Associação Sindical dos Juízes Portugueses, refere que a audição de Lucília Gago "merece destaque pela positiva", sobretudo por ajudar a compreender "melhor" como funciona a Justiça. No entanto, aponta o juiz: "Ficaram várias matérias por esclarecer e faltou alguma autocrítica em relação àquilo que correu menos bem em alguns processos."

Contactada pelo DN, Fernanda de Almeida Pinheiro, bastonária da Ordem dos Advogados, não quis fazer quaisquer comentários às declarações de Lucília Gago.

Na audição, a procuradora-geral referiu também que faltam magistrados. Afinal, disse, 90% dos procuradores sub-30 são mulheres e isso traz dificuldades. "Objetivamente, esta circunstância constitui um fator de agravamento de constrangimentos em razão de situações de gravidez, incluindo de gravidez de risco.

Paulo Lona considera que a responsável "fez bem" em mencionar a questão da falta de recursos humanos. "É importante comunicar esta realidade aos deputados e ao país, para que se saiba o estado do setor, sobretudo quando há relatórios que indicam o estado de pré-*burnout* dos magistrados", apontou.

"Se se pretende perseguir efetivamente os responsáveis pela violação do segredo de justiça temos de utilizar meios intrusivos, como as escutas telefónicas. Isso é uma opção do legislador."

"O Ministério Público só recorre a intercepções telefónicas quando considera que são essenciais. (...) As situações em que o seu uso foi alargado são absolutamente excecionais."

"Quanto a detenções, foi imputado ao MP o excesso de detenção excessiva... esses excessos foram situações absolutamente excecionais."

"O clima de suspeição sobre o MP interessa aos arguidos e respetivas defesas, porque desvia o foco das suspeitas que sobre si recaem (...)."

Lucília Gago
Procuradora-Geral da República

Montenegro defende ministra da Justiça. "Foi eficaz" após caso de Vale de Judeus

DEFESA Primeiro-ministro destacou como Portugal continua a ser "dos países mais seguros do mundo".

O primeiro-ministro elogiou a ministra da Justiça no caso da fuga de cinco reclusos da prisão de Vale de Judeus e defendeu que Portugal se mantém como "um dos países mais seguros do mundo".

À margem da receção aos atletas olímpicos e paralímpicos, na Residência Oficial do primeiro-ministro, Luís Montenegro foi questionado sobre a atuação da ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, após a fuga de cinco reclusos no sábado. "Eu creio que a sra. ministra da Justiça foi particularmente eficiente e conclusiva naquilo que foi a apreciação do Governo sobre este processo, que é um processo lamentável, que não devia ter acontecido e que é preciso esclarecer até à última das consequências", afirmou, elogiando que tenha "aguardado pela informação que era necessária" antes de se pronunciar sobre o caso.

"Há aqueles que são mais rápidos e precipitados a tirar conclusões. Agora, um Governo, que exerce a sua função a pensar em todo o país, deve falar quando tem os elementos mais relevantes para o fazer e foi isso que aconteceu", afirmou, admitindo que seria melhor se tivesse apenas demorado dois dias em vez de três, mas acrescentando que se fosse necessário aguardar quatro dias o importante era o Governo ter "a perfeita noção do que aconteceu".

Questionado se continua a achar que Portugal é um país seguro, respondeu: "Não tenho dúvidas nenhumas de que Portugal é um dos países mais seguros do mundo".

"Quer isto dizer que nós tapamos os olhos ou nos escondemos debaixo da areia perante alguns sinais que se vão revelando como preocupantes na área da segurança? Com certeza que não. É preciso cuidar, desde logo, da segurança nos equipamentos públicos e as prisões são equipamentos públicos", defendeu.

DN/LUSA

GERARDO SANTOS

Ex-ministra de Estado e das Finanças, no Governo PSD/CDS, é um dos principais alvos da oposição.

Ex-ministros de PS e PSD convocados para explicar privatização da TAP

PARLAMENTO Deputados vão ouvir quatro ex-ministros, um ex-PM, um ex-secretário de Estado, três ex-gestores, um ex-acionista e Pinto Luz.

Os deputados da Comissão de Economia aprovaram ontem as audições do ministro Miguel Pinto Luz e da ex-ministra Maria Luís Albuquerque sobre a privatização da TAP, mas também de outros ex-governantes como Pedro Nuno Santos e José Sócrates.

Os pedidos de audição incluem outros ex-governantes: o antigo ministro das Finanças (PS) e atual governador do Banco de Portugal, Mário Centeno, o antigo ministro do Planeamento e Infraestruturas (PS) Pedro Marques e o ex-secretário de Estado das Infraestruturas Sérgio Monteiro (Governo PSD/CDS).

Do lado da gestão da TAP, foram convocados o ex-acionista da companhia David Neeleman, o ex-presidente da TAP Fernando Pinto e o gestor Diogo Lacerda Machado (ex-administrador da TAP nomeado pelo Estado, aquando do Governo PS).

Foi ainda aprovada a audição do ex-presidente da Parpública Pedro Ferreira Pinto.

A aprovação destas audições aconteceu no mesmo dia em que, na Comissão Permanente da Assembleia da República, PSD, CDS-PP e Chega rejeitaram debater o tema da TAP, com a presença do ministro das Infraestruturas, Miguel Pinto Luz.

O dossiê TAP voltou à atualidade depois de, no início do mês, uma auditoria da Inspeção-Geral de Finanças (IGF) às contas da TAP ter revelado que o negócio de compra da companhia por David Neeleman, em 2015, foi financiado com um empréstimo de 226 milhões de dólares feito pela Airbus, em troca da compra pela companhia aérea de 53 aviões à construtora aeronáutica europeia.

> Oposição ao Governo questiona condições políticas de Maria Luís Albuquerque para assumir funções de comissária europeia.

Os factos relatados no relatório da IGF sobre a privatização da TAP estão a ser investigado pelo Departamento Central de Investigação e Ação Penal (DCIAP).

Gaspar sem tempo para deputados

O presidente da Comissão Parlamentar, Miguel Santos (PSD), informou ainda os deputados sobre o pedido de audição do ex-ministro das Finanças Vítor Gaspar (Governo PSD/CDS) a propósito da privatização da ANA.

Segundo o deputado, Vítor Gaspar respondeu ao Parlamento que, por motivo de viagens profissionais, não consegue dar data e hora para ser ouvido na Comissão Parlamentar e pediu que lhe fossem enviadas perguntas escritas.

Uma vez que os deputados não podem obrigar o ex-governante a estar presente na audição, foi acordado que até 27 de setembro os grupos parlamentares enviarão aos serviços as perguntas para estes fazerem chegar a Vítor Gaspar.

DN/LUSA

Opinião
Pedro Marques

A grande noite de Kamala

Escrevo nas horas após o primeiro (e único?) debate entre Trump e Kamala Harris. Ainda extasiado com aquilo a que assisti, assim como certamente muitos milhões de americanos.

Trump perdeu o debate com estrondo, porque Trump foi Trump. Enfureceu-se com os ataques de Kamala, mentiu, insultou, atacou os moderadores, praticamente não apresentou uma ideia aos americanos. Ao contrário do debate com Biden, foi arrogante desde o início, falando apenas para o seu eleitorado, incapaz de pensar ou falar para os eleitores moderados.

Kamala Harris ganhou porque estava muito melhor preparada. Defletiu os ataques na economia ou na imigração, falou às classes médias e às mulheres, e levou um Trump cada vez mais alterado a contar mentiras sobre imigrantes que comem animais domésticos, entre outras grosserias e absurdos totalmente inventados. Trump mostrou falta de coragem no tema do aborto, repetiu as mentiras sobre as eleições de 2020, continuando a dizer que as ganhou.

Na verdade, as expectativas a caminho deste debate propiciaram também este resultado. Trump tinha ganhado debates em várias eleições anteriores, como contra Hillary Clinton ou mais recentemente Biden, levando mesmo à desistência do presidente em exercício. Kamala Harris precisava de se apresentar aos americanos (muitos diziam antes do debate que precisavam de a conhecer melhor), mas as expectativas foram propositadamente colocadas nos mínimos.

Estas eleições continuarão muito disputadas, porque serão decididas por alguns milhares de eleitores nos Estados mais renhidos, como a Pensilvânia ou a Geórgia.

Os Democratas saem energizados deste momento decisivo da corrida presidencial. Os fundos decisivos para o financiamento da campanha chegarão ainda mais, alimentando uma campanha forte nos Estados decisivos. Os ativistas estarão nas ruas a mobilizar as pessoas para o voto.

A vitória de Kamala é uma possibilidade real, que apenas há poucas semanas parecia uma miragem, no momento em que assistimos à desistência de Biden.

Em paralelo com o debate, Taylor Swift entrou na corrida, ao declarar publicamente o seu apoio à candidata democrata. É conhecido o efeito que a cantora tem na mobilização de eleitores jovens, o que poderá ser decisivo em Estados onde a eleição se decide por alguns milhares de votos. As mulheres americanas, por seu lado, seguirão ainda mais Kamala, depois do debate de ontem.

A democracia tem uma oportunidade. O Mundo, de um modo esmagador, anseia que Trump não volte à Casa Branca. Trump conta com o apoio de Viktor Orbán, o autocrata atualmente primeiro-ministro da Hungria, como ontem afirmou orgulhosamente no debate – mas muito pouco mais.

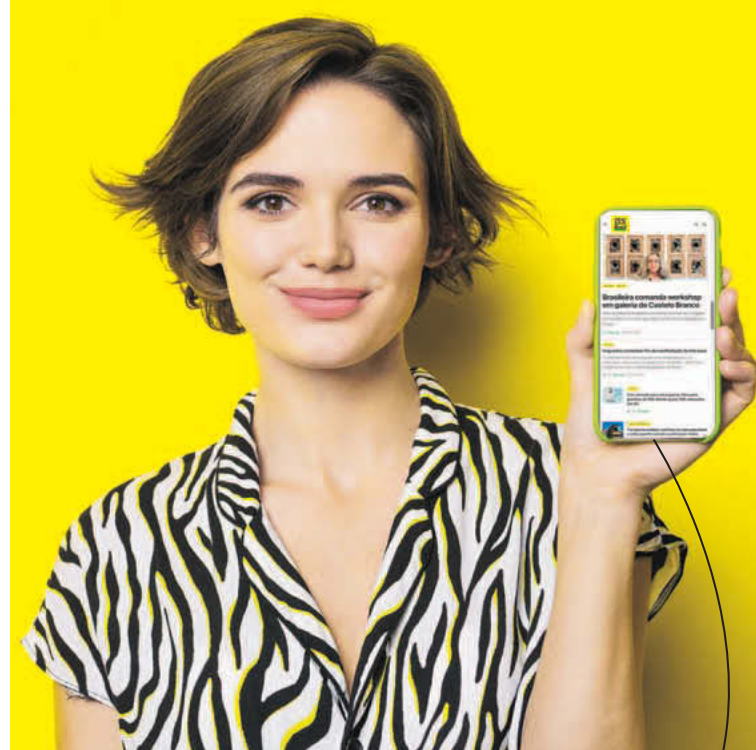
Mesmo na América, muitos republicanos destacados apoiam agora Kamala, dizendo que Trump não pode entrar novamente na Casa Branca – lista à qual se juntou até Dick Cheney, vice-presidente de George W. Bush e absolutamente insuspeito de simpatizar com o Partido Democrata.

A América e o Mundo podem ter começado a mudar para melhor.

Eurodeputado

4
VALORES

Lucília Gago

Quase no final do mandato, a PGR lá prestou alguns esclarecimentos à Assembleia da República. Altiva e insensível às consequências da sua ação para a democracia. Das campanhas orquestradas contra a PGR, recusou-se a substanciar. Das fugas ao segredo de justiça, disse nada. As escutas durante anos a fio, está tudo controlado... Não deixará saudades.

Faltam centenas de professores, recursos informáticos e obras nas escolas

EDUCAÇÃO Ano letivo começa hoje, quando estão a concurso cerca de mil horários, o que deixa quase 118 mil alunos sem aulas a uma ou mais disciplinas. Ano começa sem que todos os alunos tenham o *kit* digital e com centenas de escolas a precisar de obras de requalificação.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Começa hoje um novo ano letivo e há 957 horários a concurso, num total de 17 624 horas por atribuir. O prazo para concorrer a esses horários só termina amanhã. Ou seja, o ano 2024-2025 vai começar com 117 493 alunos sem aulas a uma ou mais disciplinas. As contas foram divulgadas no blogue DeAr Lindo (dedicado ao setor da Educação), que atualiza, diariamente, o número de horários em Oferta de Escola. Muitos desses pedidos correspondem a horários que estiveram disponíveis no Concurso Nacional (Reservas de Recrutamento) e não tiveram candidatos interessados.

A falta de professores tem sido o tema mais falado nas últimas semanas pelos vários intervenientes: Governo, sindicatos e diretores escolares, mas não é a única preocupação da comunidade escolar. A falta de obras de requalificação em centenas de escolas e o acesso aos recursos digitais também deixam apreensivos os diretores escolares.

A escalada de aposentações vem somar-se ao problema – classificado como "grave" pelo Ministério da Educação (ME) – da escassez de docentes. Até ao final deste mês, aposentam-se 458 docentes. Outubro também vai registar um número elevado de reformas, com 398 aposentados.

Este ano, já são mais de três mil (3151) os docentes reformados pela Caixa Geral de Aposentações, aos quais se somam os da Segurança Social, cujos números não são públicos. As previsões apontam para cerca de 4000 reformados até ao final de 2024.

O DN ouviu os principais sindicatos de professores, a Confederação Nacional das Associações de Pais (Confap) e o representante dos diretores escolares, e fez três perguntas, para perceber que expectativas têm para 2024-2025.

JOSÉ CARMO / GLOBAL IMAGENS

Foram enviadas as mesmas questões ao Ministério da Educação (MECI), mas algumas ficaram por responder. O MECI optou por enviar um esclarecimento onde admitiu que o ano letivo vai "arrancar com milhares de alunos sem aulas" e apontou o dedo ao Partido Socialista, a quem culpa pelo agravamento do problema. "À semelhança dos últimos anos, o novo ano letivo vai arrancar com milhares de alunos sem aulas, sendo esta uma falha grave da escola pública, que se agravou nos últimos anos da governação do Partido Socialista, mas que este Governo quer resolver até ao final da legislatura. Não é aceitável que em 2024 milhares de alunos não tenham aulas a, pelo menos, uma disciplina", esclarece. Na mesma nota, o MECI reitera ter como meta "reduzir em 90% o número de 20 mil alunos que, em dezembro do ano passado, não tinham aulas a pelo menos uma disciplina desde o início do ano letivo". "Para que isso aconteça, o MECI já aprovou o *Plano +Aulas +Sucesso* composto por 15 medidas que vão permitir atrair mais docentes. Além disso, vai ainda ser lançado um concurso extraordinário de colocação de professores e vai ser atribuído um Subsídio de Deslocação", conclui.

FILINTO LIMA
Presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas

MARIANA CARVALHO
Presidente da Confap

FRANCISCO GONÇALVES
Secretário-geral-adjunto, da Fenprof

PEDRO BARREIROS
Secretário-geral da Federação Nacional de Educação (FNE)

ANDRÉ PESTANA
Coordenador do Sindicato de Todos os Profissionais da Educação (S.T.O.P)

Quais são as perspetivas para o novo ano letivo?

A nuvem muito cinzenta (escassez de professores) ensombrará o arranque do ano letivo, tal como no final do anterior. Este fenómeno será prolongado por alguns meses, malgrado a operacionalização das 15 medidas, a que corresponde um objetivo muito ambicioso que tenciona diminuir em 90% o número de alunos que no ano anterior não tiveram professores a pelo menos uma disciplina. Ao mesmo tempo é necessário realizar obras de requalificação em centenas de escolas já sinalizadas, diminuir o imenso trabalho burocrático existente nas escolas, apoiar efetivamente todos os professores na deslocação e na estadia, rever o estatuto do aluno e ética escolar.

Claro que, não descurando a realidade, a nossa expectativa é positiva e é de esperança. Sabemos das problemáticas e não é com ingenuidade que utilizamos a palavra esperança. Temos a previsibilidade de conseguir alterar a falta de professores. Estamos preocupados com as infraestruturas e não exclusivamente com a falta de obras. De facto, algumas escolas precisam urgentemente de obras, mas há muitas outras coisas que importa termos nas escolas, tanto para os nossos filhos, como para os professores. Por exemplo, há escolas em que chove nos recreios, porque não têm coberturas e os alunos não podem estar ao ar livre e há também escolas sem as infraestruturas para a prática desportiva.

O grande problema que se coloca é o da falta de professores. Resulta das opções políticas das duas últimas décadas: a desvalorização da profissão e da carreira iniciada pelo Governo do PS de 2005-2009; o despedimento de mais de 20 mil professores contratados no Governo PSD/CDS de 2011-2015; a não-resolução dos problemas essenciais da profissão e da carreira (recuperação do tempo de serviço congelado à cabeça) no Governo do PS, especialmente a partir de 2018. Do ponto de vista estrutural é necessária uma valorização efetiva da profissão e da carreira, de modo a torná-la mais atrativa: eliminando a precariedade, recuperando integralmente o tempo de serviço, tornando os horários justos e as condições de trabalho adequadas à profissão.

A FNE espera um início do ano letivo à imagem dos anos anteriores, ou seja, com muitos problemas, insuficiências e fragilidades, que decorrem do facto de, ao longo dos últimos anos, ter havido falta de vontade, investimento, planificação e definição de estratégias para se tomarem medidas capazes de, a tempo e horas, permitir a negociação de políticas concretas com soluções para os problemas identificados. É determinante reconhecer e valorizar os profissionais da Educação, para o que se torna indispensável, entre outros, melhorar o estatuto remuneratório e as condições de trabalho de educadores, professores, formadores, técnicos especializados, técnicos superiores, assistentes técnicos e assistentes operacionais, bem como a oferta de Ensino Português no Estrangeiro.

As perspetivas, infelizmente, não são animadoras, porque, além de continuarmos com as habituais injustiças, este ministério parece pretender a criação de novas injustiças. A título de exemplo, pretende que a avaliação docente conte para o concurso/colocação do próprio docente, uma carreira especial e à parte para os diretores escolares e também aumentou o limite máximo de horas extraordinárias, o que poderá, numa classe docente já exausta e muito envelhecida, levar (irreversivelmente) ao esgotamento total de muitos docentes. Isto irá prejudicar, significativamente, a qualidade e o direito ao ensino dos nossos alunos.

A recuperação do tempo de serviço dos professores "garante" paz nas escolas?

O acordo histórico entre o MECI e alguns sindicatos relativamente à recuperação dos 6 anos 6 meses e 23 dias nos próximos anos, trouxe a paz e a estabilidade às escolas públicas portuguesas. Contudo, é necessário arrepiar caminho, pois durante muitos anos os sucessivos Governos desprezaram a Educação, não lhe atribuindo o valor devido. Neste momento é necessário continuar a valorizar e dignificar a carreira docente com maior assertividade e medidas concretas.

Não conseguimos ainda dizer se é suficiente. Sendo satisfeita a recuperação do tempo de serviço, a esperança é de que ajude, mas por si só essa medida não basta. Existe uma série de medidas que foram implementadas pelo MECI que acredito que possam gerar maior estabilidade nas escolas.

A recuperação do tempo de serviço é um passo positivo dado por este Governo nesse sentido, mas não garante por si só a paz nas escolas, mais ainda se houver um agravamento dos horários e condições de trabalho dos professores. A dimensão do serviço extraordinário nos horários de trabalho, as matérias a introduzir pelo MECI na revisão do Estatuto da Carreira Docente e eventuais alterações à Gestão e Administração Escolar, aos Concursos e a criação do Estatuto do Diretor Escolar serão, a este título, determinantes.

A histórica assinatura deste acordo de recuperação do tempo de serviço aos docentes, por si só, garante algum regresso de paz e tranquilidade às escolas, mas é apenas um entre muitos problemas que ainda faltam resolver no âmbito letivo. Até porque relembramos que a FNE não esquece o facto de o acordo ter deixado em aberto a possibilidade de se encontrarem medidas compensatórias para os docentes que não usufruíram de qualquer recuperação do tempo de serviço congelado. A paz nas escolas chegaria com a resolução de todos os problemas e, para isso, é necessário trilhar um caminho de concertação e negociação.

Dificilmente haverá paz nas escolas, enquanto não houver a mínima justiça/dignidade para todos os que lá trabalham. E se é verdade que a recuperação do tempo de serviço foi uma conquista importante para milhares de docentes graças à luta iniciada pelo S.T.O.P., em 2022/2023, além de milhares de Profissionais da Educação (P.E.) terem sido esquecidos nessa recuperação, continuamos com graves problemas que afetam todos os P.E., como: ausência de uma gestão escolar democrática, avaliação injusta e com quotas, impedimento do acesso à CGA, municipalização da Educação, entre outros.

As escolas estão preparadas para o uso da tecnologia em provas?

Neste momento, nem todos os alunos dispõem de *kits* digitais, facultados pelo Ministério da Educação. Para que as provas finais de 9.º ano possam ser realizadas em formato digital é fundamental que todos os alunos disponham, desde o arranque do ano letivo, do importante instrumento de trabalho: o computador.
Ao mesmo tempo, é necessário construir corretamente o edifício digital começando pelos alicerces, dotando as escolas de uma rede Wi-Fi fiável.

Neste momento há escolas que estão preparadas e outras não. Queremos salientar que o que nos preocupa não é o dia e o momento da prova, é o que antecede esse dia. Não existe preparação ao longo do ano letivo, com rede de computadores e acesso à internet. No dia da prova está tudo preparado, mas é importante que os alunos e os professores se possam preparar ao longo do ano. Há alunos que levam o PC um dia por mês para a escola. É assim que se vão familiarizam com as ferramentas digitais?

Não existe, de todo, um parque tecnológico que permita a aplicação de provas em condições de igualdade a todos os alunos do país. Nas escolas não existem, também, técnicos habilitados que garantam a manutenção dos equipamentos tecnológicos. Aliás, os agrupamentos insistem no recurso ilegítimo (e ilegal) aos professores de Informática.

Não estão porque sabemos que há falta de equipamentos, assim como problemas com internet e de apoio técnico, a que se juntam os prejuízos para alunos e professores ao nível do aumento do stresse e ansiedade, da desigualdade de oportunidades e da perda de tempo letivo na realização de provas em digital. Defendemos que a transição digital deve estar ao serviço das aprendizagens e das metodologias de aprendizagem, devendo-se sim, dotar as escolas de todos os recursos necessários para aceder aos meios tecnológicos, quer em termos de equipamentos, quer de condições de acesso à rede.

A aplicação da tecnologia em provas tem revelado claramente que ainda continuamos com assimetrias regionais ou entre escolas. Perante o excesso de horas que as nossas crianças e jovens já passam diariamente à frente de ecrãs, não faz sentido que a Escola contribua ainda mais para esse aumento, seja utilizando a tecnologia em provas, seja recorrendo aos manuais digitais.

Margaret Livingstone: “Na *Mona Lisa*, a expressão muda conforme movemos os olhos. É um feito com 500 anos”

INVESTIGAÇÃO Estudo que demonstra como o cérebro identifica rostos vence Prémio António Champalimaud de Visão 2024. Entre os presentes na entrega do galardão, esteve a neurocientista americana Margaret Livingstone, que investigou os mecanismos cerebrais subjacentes à visão.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

O trio de investigadores dos Estados Unidos, Margaret Livingstone, Nancy Kanwisher, Doris Tsao e o alemão Winrich Freiwald d,etiveram-se, com o seu trabalho na compreensão dos mecanismos neurais subjacentes ao reconhecimento facial, um aspeto fundamental da interação social e da cognição humana. Uma investigação que foi agora reconhecida em Portugal com a atribuição do Prémio António Champalimaud de Visão 2024, no valor de um milhão de euros.

Ontem, na cerimónia de entrega do prémio, no Centro Clínico Champalimaud, momento presidido pelo Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, foi destacado o valor do trabalho coletivo do quarteto de cientistas. Um trabalho que resultou na compreensão de como os rostos são percebidos e reconhecidos, o que tem impacto nos campos da neurobiologia, neurociência cognitiva e processamento visual.

No âmbito do trabalho agora premiado a neurocientista Margaret Livingstone, professora de Neurobiologia na Harvard Medical School e com ampla pesquisa no campo da perceção visual, contribuiu para a compreensão dos mecanismos cerebrais subjacentes à visão.

O seu trabalho demonstrou que as primeiras áreas do cérebro que processam o que vemos – as V1 (córtex visual primário) e V2 – estão organizadas em partes separadas, especializadas na cor, forma, movimento e profundidade. “Cada subdivisão maior do cérebro possui várias subdivisões. O meu trabalho deteve-se nestas subdivisões especializadas e descreveu novas subdivisões. O princípio de que as diferentes subdivisões estão seletivamente interconectadas tem sido importante para entender o processamento visual”, adiantou ainda nos EUA a neurocientista ao DN, agora presente em Portugal para receber o prémio.

Os premiados Winrich Freiwald e Margaret Livingstone com Marcelo Rebelo de Sousa e Leonor Beleza, a presidente da Fundação Champalimaud.

GERARDO SANTOS

Um caminho para entender a dislexia

Esta descoberta forneceu a base para a compreensão de inúmeros fenómenos percetivos e propôs uma hipótese relevante para perceber a causa da dislexia. “Acreditamos que a subdivisão do cérebro que remapeia o que se vê sempre que movemos os olhos processa essas informações mais lentamente em disléxicos. Desta forma, na pessoa com dislexia a sua capacidade de mover os olhos rapidamente e absorver informações no texto fica ligeiramente comprometida”, fundamentou Margaret Livingstone, nascida no Estado da Virgínia e doutorada em 1981 na Universidade de Harvard.

Atualmente, Livingstone está a desenvolver novos métodos de investigação para compreender os mecanismos neurais da perceção visual em áreas cerebrais de ordem superior, combinando fMRI (ressonância magnética funcional) com eletrofisiologia de célula única.

“Presentemente, trabalhamos em várias frentes relacionadas com novos projetos. Uma é usar ultrassom focalizado para permitir a penetração de terapias contra o cancro no cérebro. Outra, é perguntar se áreas cerebrais superiores estão topograficamente interconectadas com áreas inferiores, com vista a testar a nossa hipótese de que a organização cerebral é universalmente baseada em mapas”, afirmou Livingstone.

Antes, a neurocientista explorou a forma como a biologia e as técnicas artísticas para produzir ilusões óticas influenciam a nossa perceção da arte. Neste contexto, a investigadora lançou em 2002 o livro *Vision and Art: The Biology of Seeing*, obra que cruza a neurociência e a arte, para explicar como o cérebro humano processa a perceção visual. No livro, a autora analisa o uso da cor, luz, sombra e perspetiva nas artes, para revelar como a biologia influência a experiência estética.

“Por exemplo, Leonardo da Vinci alcançou uma qualidade dinâmica em *Mona Lisa* ao conseguir desfocar a boca da visada na pintura. Desta forma, a boca é mais evidente na nossa visão periférica do que na nossa visão central. Na *Mona Lisa*, a expressão da retratada muda conforme movemos os olhos. É um feito com 500 anos encontrarmos qualidades dinâmicas numa imagem estática”, observa Livingstone, membro da Academia de Artes e Ciências e da Academia Nacional de Ciências.

Ainda no âmbito do trabalho agora premiado, os investigadores Nancy Kanwisher (professora de Neurociência Cognitiva no Instituto McGovern no MIT), Doris Tsao (professora de Biologia na Universidade da Califórnia) e Winrich Freiwald (professor de Neurociências e Comportamento na Universidade Rockefeller), descobriram um sistema de áreas do cérebro que são fundamentais para reconhecer rostos.

Esta investigação permitiu compreender como o cérebro processa as características faciais, desde o reconhecimento inicial até à identificação da pessoa, independentemente da sua pose. A mesma investigação permitiu identificar populações neurais específicas, responsáveis por codificar várias características faciais, decifrando-se a estrutura que o cérebro usa para reconhecer rostos individuais.

O prémio é atribuído anualmente, alternando o seu âmbito. Em anos pares, reconhece avanços na investigação na área da visão e/ou recuperação da visão. Em anos ímpares, o galardão distingue organizações que se destacam na luta contra a cegueira e problemas de visão.

Em 2023, o Prémio António Champalimaud de Visão reconheceu o trabalho do St. John of Jerusalem Eye Hospital Group (SJEHG). No ano anterior, os investigadores Gerrit Melles e Claes H. Dohlman viram premiado o trabalho que desenvolveram sobre doenças da córnea.

O Prémio António Champalimaud de Visão, foi lançado em 2006 e conta com o apoio do programa *2020 – O direito à Visão* da Organização Mundial da Saúde.

Compreender a forma como vemos a arte

As descobertas agora apresentadas pelo quarteto de investigadores não só permitiram melhorar o conhecimento sobre a função cerebral, como também podem ter implicações na compreensão e tratamento de distúrbios relacionados com a perceção facial. Hoje, sabe-se que a forma como vemos a arte está também intrinsecamente ligada à forma como o cérebro processa a visão. O modo como alguns grandes pintores com patologias oculares veem o mundo define a sua arte. Desta forma nascem obras de caráter singular porque os cérebros dos seus autores percebem a cor, a luz, a forma e o movimento de maneira diferente.

RODRIGO ANTUNES / LUSA

Fernando Alexandre falou na conferência de imprensa no final da reunião do Conselho de Ministros.

Ministro recomenda proibição de telemóveis

EDUCAÇÃO As medidas serão de adesão voluntária por parte das escolas, mas o seu impacto será avaliado ao longo do próximo ano letivo.

O ministro da Educação, Ciência e Inovação anunciou que o Governo vai recomendar às escolas a proibição do uso de telemóvel nos 1.º e 2.º ciclos e restrições no 3.º ciclo.

As medidas serão de adesão voluntária por parte das escolas, mas o seu impacto será avaliado ao longo do próximo ano letivo e o Executivo não fecha a porta à proibição do uso de *smartphones* em contexto escolar, em função dos resultados.

Em conferência de imprensa, no final da reunião do Conselho de Ministros, Fernando Alexandre explicou que as recomendações da tutela passam por proibir a entrada ou uso de telemóveis nos espaços escolares nos 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico.

No caso do 3.º ciclo, o Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) recomenda a implementação de medidas que restrinjam e desincentivem a utilização dos telemóveis, sendo que no Ensino Secundário os próprios alunos deverão estar envolvidos na definição de regras.

"O que iremos fazer durante o próximo ano letivo é garantir que há condições dentro da escola para que essa recomendação possa ser executada", disse o ministro, adiantando que o MECI vai publicar também guiões para as escolas e famílias.

Segundo a apresentação projetada durante a conferência de imprensa, estão previstas exceções, por exemplo, para os alunos com "muito baixo domínio da língua portuguesa", para que os telemóveis possam servir como instrumento de tradução, ou para aqueles que "beneficiem comprovadamente de funcionalidades do *smartphone* por razões de saúde".

O governante explicou que as recomendações anunciadas não põem em causa o "comprometimento total" do Governo com as novas tecnologias e a digitalização, mas sublinhou que a evidência científica sobre o uso de telemóveis não pode ser ignorada.

> No 3.º ciclo, o Governo recomenda a implementação de medidas que restrinjam e desincentivem a utilização dos telemóveis.

"Hoje, temos muita evidência de que a utilização de *smartphones* pode ser uma desvantagem para as aprendizagens e temos também muita evidência de que, em determinadas idades, pode deteriorar o bem-estar das crianças", referiu.

Atualmente, a definição das regras para o uso de telemóveis está nas mãos das escolas, no âmbito do Regulamento Interno, uma autonomia defendida pelo Conselho das Escolas no ano passado. Segundo o MECI, apenas cerca de 2% dos agrupamentos restringiram ou proibiram a utilização no espaço escolar no ano letivo passado.

Fernando Alexandre explicou ainda que as recomendações do Governo assentam no princípio de que as escolas devem ser espaços seguros, ao mesmo tempo que preparam os alunos para o "mundo real onde a tecnologia existe", e de que a política pública deve ser baseada em evidência e na avaliação de impacto.

DN/LUSA

Ministros das Finanças e da Economia também marcaram presença na concertação.

MANUEL DE ALMEIDA / LUSA

Governo vai iniciar negociações bilaterais para novo acordo

CONCERTAÇÃO SOCIAL Ministra do Trabalho não apresentou aos parceiros sociais uma proposta de subida do salário mínimo para 2025. Discussão deverá estar fechada até 10 de outubro.

TEXTO **CARLA ALVES RIBEIRO**

A subida do Salário Mínimo Nacional (SMN) no próximo ano ficou fora da discussão de ontem entre Governo, confederações patronais e centrais sindicais na reunião da Concertação Social. O debate sobre o aumento da retribuição mínima será enquadrado numa negociação mais abrangente para se alcançar um novo acordo com os parceiros sociais que dure até ao final da legislatura, ou seja, até 2028. As reuniões bilaterais arrancam na próxima semana e no dia 25 de setembro haverá novo encontro em sede de Concertação Social, disseram ao DN/Dinheiro Vivo a Confederação Empresarial de Portugal (CIP) e a Confederação do Comércio e Serviços de Portugal (CCP).

"Este Governo tem uma vontade de estabelecer métricas para 2028, por um período superior, diria que é necessário um outro acordo", diz Armindo Monteiro, presidente da CIP.

Ao contrário das expectativas, a Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social não levou ao encontro de ontem uma proposta de aumento do SMN para 860 euros mensais para o próximo ano, como tinha sido noticiado pelo jornal *online* Eco – e que o ministério se escusou a comentar –, e que representaria um valor acima dos 855 euros inscritos no acordo de rendimentos em vigor. No final da reunião com os parceiros sociais, a ministra Maria do Rosário Palma Ramalho disse que o "valor é completamente especulativo", e vincou que ainda não há proposta e que será negociada com patrões e sindicatos.

"A negociação é entre nós, portanto, não há propostas a não ser para os parceiros", disse. Para a governante, "tudo está neste momento em aberto", não só em relação à remuneração mínima, mas também quanto a outras matérias do acordo de rendimentos assinado pelo anterior Governo socialista para vigorar até 2026, nomeadamente o referencial de atualização dos restantes salários, que foi fixado em 5% para este ano.

> Governo diz que está tudo em aberto, não apenas a subida do Salário Mínimo Nacional, mas outras matérias do Acordo de Rendimentos e Competitividade assinado em outubro de 2022 e revisto no final do ano passado, sem a assinatura da CIP e da CGTP.

O Acordo de Médio Prazo de Melhoria dos Rendimentos, dos Salários e da Competitividade foi assinado em outubro de 2022 e revisto no mesmo mês do ano passado, sem a assinatura da CIP e da CGTP. Vigora até 2026 e a expectativa da CCP, por exemplo, é que as medidas que lá estão sejam cumpridas. "O que está adquirido do anterior não prescindimos", disse ao DN/Dinheiro João Vieira Lopes, o presidente da CCP.

O presidente da Confederação do Turismo de Portugal, Francisco Calheiros, diz que "pode fazer sentido" assinar um novo acordo de rendimentos, dado que o Governo está em início de legislatura, mas alinha pelo mesmo diapasão da CCP, chamando a atenção para que 40% das medidas previstas no acordo assinado em outubro do ano passado ainda não terem saído do papel. E quanto ao salário mínimo, alerta que "há setores de atividade" em que é preciso "ter cuidado".

O líder da CIP adianta que contribuiu para que a discussão de ontem na Concertação Social não se centrasse na remuneração mínima. "A intervenção da CIP foi nesse sentido, de criar mais ambição do que o salário mínimo", afirma. "Creio que a própria ministra quer mais do que aquilo que era habitual, pediu aos parceiros que fossem ambiciosos no seus objetivos", acrescenta Armindo Monteiro. Para este responsável, existe "vontade do Governo para promover o aumento dos restantes salários".

O secretário-geral da UGT afirma que saiu do encontro de ontem com a ideia de que o Governo pretende mesmo ir além do que está estabelecido no acordo de rendimentos revisto em outubro de 2023, que prevê uma subida da remuneração mínima para 855 euros em 2025. No entanto, Mário Mourão defende que com as atuais condições económicas é possível "chegar aos 890 euros ou muito perto disso". O dirigente sindical considera que o referencial de aumentos em negociação coletiva deve continuar em 5%, como neste ano.

Para o secretário-geral da CGTP, a reunião da Concertação Social de ontem não abordou "os problemas concretos dos trabalhadores". "Não é com políticas de baixos salários que vamos combater isso", sublinhou Tiago Oliveira. A proposta da Intersindical é que a remuneração mínima suba até aos mil euros no final do próximo ano, o valor que é a meta do Governo de Luís Montenegro para 2028.

Este ano o salário mínimo aumentou 7,9% para os 820 euros, naquele que o anterior Governo socialista fez questão de dizer ter sido "o maior aumento de sempre". **Com LUSA**

carla.ribeiro@dinheirovivo.pt

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Supermercados são o canal de distribuição que cresceu até julho, com as vendas a subirem 8,6%.

Gastos no supermercado estão a crescer 4% este ano

CONSUMO Retalho alimentar com vendas de 8814 milhões até julho, quase 400 milhões de euros a mais do que no período homólogo.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

As vendas do retalho alimentar estão a crescer, este ano e, até julho, aumentaram 4,4% face ao período homólogo, num total de 8814 milhões de euros, quase 400 milhões a mais. Um acréscimo moderado, que atesta o desacelerar da inflação, mas que acontece sobre um crescimento que, no ano passado, nos mesmos sete meses, foi de 14,1%.

Estes são dados dos *Scantrands*, da NielsenIQ, e referem-se ao acumulado das primeiras 32 semanas do ano, ou seja, vão até 11 de agosto. Neste período, os gastos em mercearia tiveram um reforço na fatura do supermercado, passando de um peso de 40,5% para 41,1% este ano. Significa isto que dos 8814 milhões de euros de vendas do retalho alimentar, 3622,5 milhões foram compras desta categoria. Se juntarmos laticínios e congelados, a fatia dos bens alimentares é de 66,7% da fatura total, correspondendo a 5879 milhões de euros.

A atestar os efeitos do abrandamento da inflação (*ver texto ao lado*), mostram os dados da Nielsen que, no acumulado do ano, as vendas de produtos de mercearia estão a crescer 6%, contra os 15% do período homólogo, os laticínios sobem 3%, bem abaixo dos 21% de há um ano, e os congelados reforçam vendas em 8%, metade dos 16% do período homólogo.

Nas bebidas alcoólicas, as vendas estão em linha com o ano passado e valem 793,2 milhões de euros, enquanto as não-alcoólicas têm um acréscimo de 5%, num total de 634,6 milhões de euros. Ambas as categorias cresciam a dois dígitos no ano passado. Por fim, os gastos em higiene do lar aumentam 2% e a higiene pessoal 4%, com as famílias a deixarem quase 1500 milhões de euros nos súper e hipermercados em artigos de higiene.

A quota, em valor, dos produtos de marca própria, as chamadas marcas brancas, está nos 46%, ligeiramente acima do ano passado. No entanto, desde o início do ano que se assiste a um aproximar entre as taxas de crescimento das chamadas marcas brancas comparativamente às marcas de fabricante. Há um ano, com as vendas totais de bens de grande consumo a crescerem 14,1%, os produtos das marcas da distribuição estavam a crescer 26,4%, o que comparava com o aumento de 5,6% das marcas de fabricante.

> Com o abrandar da inflação, estreita-se a diferença entre as chamadas marcas brancas e as marcas de fabricante, com acréscimos de vendas de 6,1% e 3,1%, respetivamente.

Este ano, estas variações estão mais aproximadas. Com o mercado a crescer 4,4%, os produtos de marca registam um acréscimo de vendas de 3,1% e as marcas brancas de 6,1%.

Em termos de canais de vendas, os grandes supermercados são os que mais estão a crescer, com vendas 8,6% acima do ano passado, reforçando a sua quota de mercado em mais de dois pontos percentuais para 53,5%. Os "livre serviços" – o comércio mais tradicional, que inclui as mercearias, frutarias e drogarias, mas também as novas cadeias de lojas de artigos de higiene – são as que mais perdem, com as vendas a cair 2,7% face ao período homólogo.

ilidia.pinto@dinherovivo.pt

Inflação abranda com quebra de preços na energia

A taxa de inflação homóloga em agosto diminuiu para 1,9%, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), que confirma assim a primeira estimativa avançada no dia 30 de agosto. Trata-se de uma diminuição de 0,6 pontos percentuais face ao valor registado em julho, para a qual contribuiu a queda dos preços dos produtos energéticos .

No mês passado, o Índice de Preços no Consumidor (IPC) desta categoria de produtos diminuiu para menos 1,5% – após um aumento de 4,2% em julho –, "essencialmente devido à conjugação da redução mensal nos preços dos combustíveis e lubrificantes (-2,5%), com o efeito de base associado ao aumento registado em agosto de 2023 (9,3%)", sublinha o INE.

Já a variação do IPC dos produtos alimentares não-transformados caiu para 0,8% (tinham subido 2,8% em julho), "destacando-se o contributo da fruta fresca para esta desaceleração, parcialmente atribuível ao efeito de base associado ao aumento de 3,9% registado em agosto de 2023 nesta categoria", explica o gabinete de estatística.

A inflação subjacente, que exclui precisamente os produtos alimentares não-transformados e energéticos, ficou em 2,4% face ao mesmo mês de 2023, mantendo-se estável em relação a julho.

Os dados definitivos revelados ontem pelo INE para a inflação de agosto confirmam que os proprietários vão poder aumentar as rendas até 2,16% no próximo ano. Os valores, por metro quadrado, aumentaram 7,2% em agosto face ao mesmo mês de 2023, mais 0,1 pontos percentuais do que em julho, tendo todas as regiões apresentado crescimentos homólogos, com destaque para a Madeira, que registou o crescimento mais expressivo, de 7,7%. **C.A.R.**

BREVES

Aprovado IRC de 15% para multinacionais

O Governo aprovou ontem em Conselho de Ministros um regime para que as multinacionais que operam no país estejam sujeitas uma taxa mínima de 15% de IRC, adiantou o ministro da Presidência, Leitão Amaro. A medida resulta da transposição de uma Diretiva Europeia e constitui, disse o governante, uma "medida de equidade de Justiça Económica e Social". A medida está no pacote das 60 que o Governo apresentou em julho para acelerar o crescimento da economia nacional. Portugal estava atrasado na transposição da diretiva, que devia ter sido feita até ao final de 2022 e resultou do acordo alcançado pelos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

Governo substitui líder do IAPMEI

O Governo afastou o presidente do IAPMEI – Agência para a Competitividade e Inovação, Luís Filipe Guerreiro, que vai ser substituído por José Guilherme Pulido Valente, anunciou o Ministério da Economia. A mudança é justificada com o objetivo de dar "um novo impulso" a este organismo. Luís Filipe Guerreiro vai assim cessar funções e José Pulido Valente assume o cargo em substituição, até que o procedimento concursal seja concluído na Cresap – Comissão de Recrutamento e Seleção para a Administração Pública. Segundo o Governo, o novo nome para liderar a Agência tem "uma vasta carreira na banca, tendo passado por áreas que se cruzam com as competências do IAPMEI".

O que mudou entre o 1.º aperto de mão de Trump e Harris no debate e o 2.º no Ground Zero?

EUA Ex-presidente e vice-presidente nunca tinham estado juntos antes do embate em Filadélfia, reencontrando-se de manhã na cerimónia em Nova Iorque para assinalar o aniversário dos atentados do 11 de Setembro. Ela venceu o frente a frente, mas não é claro se ganhou votos.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Cerca de dez horas depois do primeiro aperto de mão, no início de um debate tenso em Filadélfia, Kamala Harris e Donald Trump voltaram a cumprimentar-se ontem, desta vez na cerimónia oficial do 23.º aniversário dos atentados do 11 de Setembro, em Nova Iorque. A vice-presidente e candidata democrata foi dada como a vencedora da noite – mesmo que o adversário republicano tenha dito que foi o seu melhor debate "de sempre" –, mas a dúvida é saber se o desempenho de Harris é suficiente para convencer os indecisos e se isso se vai traduzir em mais votos.

O segundo aperto de mão entre Harris e Trump, sob o olhar do presidente Joe Biden, foi facilitado pelo ex-presidente da Câmara de Nova Iorque, Michael Bloomberg. Este assistiu à cerimónia entre Biden, que tinha a vice-presidente ao seu lado direito, e Trump, que estava acompanhado pelo seu candidato a vice, J. D. Vance. Antes da cerimónia, o ex-presidente deu uma entrevista à Fox News a atacar a adversária, considerando que o debate foi "manipulado" a favor dela. Mas não terá repetido o mesmo no Ground Zero, sendo visível nas imagens da transmissão Harris a dizer várias vezes "obrigada".

"Hoje é um dia de memória solene em que lamentamos as almas que perdemos no ataque terrorista hediondo do 11 de Setembro de 2001", disse Harris numa mensagem divulgada pela Casa Branca – não houve discursos na cerimónia em Nova Iorque. "Quando comemoramos este dia, todos devemos refletir sobre o que nos une como um: o maior privilégio da Terra, o orgulho e o privilégio de ser um americano", acrescentou.

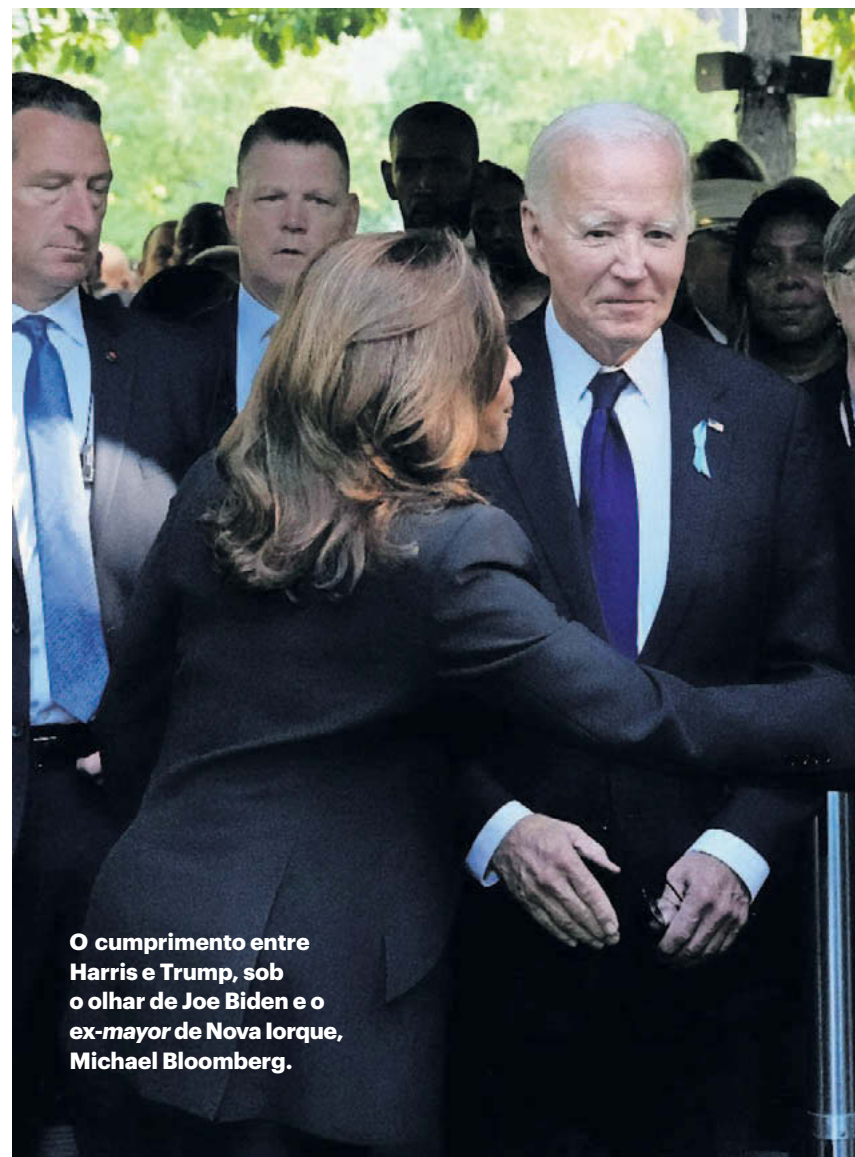
Quanto vale o apoio de Taylor Swift?

A cantora Taylor Swift anunciou, pouco tempo depois do fim do debate, o apoio a Kamala Harris. "Acho que ela é uma líder de mão firme e talentosa. Acredito que podemos conquistar muito mais neste país se formos liderados pela calma e não pelo caos", escreveu a autora de *Love Story* ou de *Shake It Off*, assinando o texto no Instagram (onde tem 283 milhões de seguidores) como "senhora dos gatos sem filhos". Uma crítica a um insulto usado pelo candidato a vice republicano, J.D. Vance. Mas quanto vale o apoio de Swift? A cantora é da Pensilvânia, um Estado-chave na corrida, e o seu apoio deve ter algum valor, já que Trump partilhou uma imagem falsa dela alegadamente a apoiá-lo. Mas os estudos sobre o tema não são conclusivos.

Tanto Harris como Trump estiveram também em Shanksville, na Pensilvânia, local da queda do Voo 93, há 23 anos, com a vice-presidente a visitar ainda o terceiro local dos atentados terroristas de 2001, o Pentágono. Já o republicano visitou um quartel dos bombeiros de Nova Iorque, com J. D. Vance.

O primeiro aperto de mão

A campanha é retomada hoje, mas ainda no rescaldo do debate. À entrada do cenário preparado pela ABC em Filadélfia, Harris tomou a iniciativa e aproximou-se do palanque de Trump para o cumprimentar. "Kamala Harris. Vamos ter um bom debate", disse-lhe a vice-presidente. "Que bom vê-la. Divirta-se", respondeu-lhe o republicano.

Era a primeira vez que se cruzavam e Harris, que era quem mais tinha a perder, não mostrou medo – foi o mau desempenho no debate com Trump e a pressão subsequente que levaram Biden a desistir. Mas a vice-presidente tinha a lição estudada e soube desferir os golpes no local mais doloroso para o republicano: o ego. E Trump não foi capaz de resistir a responder.

O cumprimento entre Harris e Trump, sob o olhar de Joe Biden e o ex-*mayor* de Nova Iorque, Michael Bloomberg.

SAUL LOEB / AFP

Isso ficou visível, por exemplo, quando Harris desafiou os eleitores a irem a um comício de Trump, para o ouvirem "falar de personagens fictícias como Hannibal Lecter"– mas nunca dos problemas que afetam os cidadãos. E disse que "as pessoas começam a sair dos comícios por cansaço e tédio". O debate não permitia perguntas entre os candidatos, mas na intervenção seguinte – sobre o tema que queria falar, a imigração – Trump optou por dizer que os seus comícios são "os maiores" e os "mais incríveis na história da política".

Já Harris não desperdiçou a oportunidade num tema que lhe garante votos: o aborto. "Nin-

ADAM GRAY / AFP

MANDEL NGAN / AFP

O aperto de mão entre Trump e Harris no debate (*à esquerda*). Biden na cerimónia para assinalar os atentados do 11 de Setembro em Shanksville, na Pensilvânia (*em cima*).

"As pessoas não deixam os meus comícios. Temos os maiores comícios, os comícios mais incríveis na história da política."

"O nosso país está a ser perdido, somos uma nação falhada [sobre imigração]."

"Provavelmente apanhei uma bala na cabeça pelas coisas que dizem sobre mim."

"Então ela começou por dizer que vai fazer isto, vai fazer aquilo, vai fazer todas estas coisas maravilhosas. Porque é que ainda não fez? Ela está lá há três anos e meio."

Donald Trump
Ex-presidente

"Em primeiro lugar, é importante lembrar o ex-presidente que não está a concorrer contra Joe Biden. Está a correr contra mim."

"Ninguém tem de abandonar a sua fé ou crenças profundas para concordar que o Governo, e especialmente Donald Trump, não deveria estar a dizer a uma mulher o que fazer com o seu corpo."

"Donald Trump foi despedido por 81 milhões de pessoas (...). Claramente, ele está a passar por muita dificuldade em processar isso."

Kamala Harris
Vice-presidente

guém tem de abandonar a sua fé ou crenças profundas para concordar que o Governo, e especialmente Donald Trump, não deveria estar a dizer a uma mulher o que fazer com o seu corpo", afirmou. O republicano acabou por acusar os democratas de apoiarem o aborto aos 9 meses e "execuções após o parto" – o que foi negado pela moderadora.

Em várias ocasiões, Trump caía em divagações, como quando referiu uma história – que já foi denunciada como falsa – de que imigrantes "estão a comer cães" de estimação em Springfield (Ohio). Ou quando disse que Harris quer "fazer operações de mudança de sexo a imigrantes ilegais que estão na prisão".

Com os microfones desligados quando o outro falava, mas o ecrã dividido a mostrar sempre ambos, as expressões faciais de Harris transmitiam tudo o que estava a pensar. Para uns denotou falta de profissionalismo, para outros foi uma oportunidade para muitos memes nas redes sociais.

As expressões não parecem ter prejudicado a vice-presidente, que quando tentou falar por cima ouviu de Trump: "Espere um minuto, estou a falar agora, se não se importa, por favor. Soa-lhe familiar?" No debate com o então vice-presidente Mike Pence, em 2020, Harris saiu-se com um "estou a falar" ao ser interrompida.

A democrata também disse que Trump "foi despedido por 81 milhões de pessoas", mas não o quer admitir – ele insiste que ganhou as eleições de 2020 –, e alegou que "ditadores e autocratas estão a torcer" para que ele volte a ser presidente, "porque o podem manipular com lisonjas e favores".

Ainda em política internacional, o republicano alegou que se estivesse no poder a guerra na Ucrânia nunca teria começado, respondendo que quer que a guerra acabe – mas recusando dizer diretamente se quer a vitória da Ucrânia. Em relação à Faixa de Gaza, defendeu que se Harris ganhar, Israel já "não vai existir dentro de dois anos".

O ex-presidente tentou sempre ligar Harris a Biden – de tal forma que a vice-presidente, a determinada altura, lhe lembrou que era ela a adversária –, mas durante muito tempo acabou por estar ele próprio a defender o que fez na Casa Branca.

Quando a política da atual Administração foi questionada, Harris conseguiu evitar falar do seu papel. Também deu a volta ao tema quando foi questionada pelas mudanças de opinião entre a sua candidatura à Presidência em 2019. E só na declaração final, que fechou o debate, Trump teve um dos seus melhores momentos: "Ela vai fazer estas coisas incríveis", referiu em relação às promessas. "Por que é que ainda não o fez?"

O que muda com o debate?

As eleições são dentro de pouco mais de 50 dias e o país está demasiado dividido para se perceber que impacto pode ter este debate. Ao longo dos 90 minutos, a democrata irritou o republicano, mas para os eleitores que vinham à procura de respostas, não deu muitas (ou pelo menos não com o pormenor que alguns queriam), tentando sempre voltar o debate para ele.

Ao mesmo tempo, Trump também não terá conseguido convencer ninguém fora da sua base eleitoral. Em mais um exemplo de que o debate não lhe correu bem, o ex-presidente foi até à sala onde os jornalistas estavam para dizer que tinha ganho – normalmente são outros que o fazem.

Apesar de a maioria dos analistas terem dado a vitória do debate a Harris, isso pode não lhe valer votos, com os indecisos a continuarem com dúvidas. Uma sondagem da CNN deu a vitória à vice-presidente por 63% contra 37%, enquanto a YouGov dava 54% contra 31% (e 14% de indecisos).

Mas é preciso ver que a vitória nestas sondagens pode não dizer nada. Em 2016, Hillary Clinton venceu o debate contra Trump por 62% contra 27%, mas acabou por perder. E Mitt Romney também venceu o debate contra Barack Obama em 2012.

Harris mostra-se disponível para mais um debate, mas Trump diz que ela quer mais porque perdeu este. A Fox News está a tentar organizar, mas o ex-presidente rejeita os moderadores que estão a ser falados.

susana.f.salvador@dn.pt

Felipe Pathé Duarte
"Com a guerra global ao terrorismo, a Al-Qaeda adaptou-se e tornou-se mais fluida"

EXTREMISMO Para o professor na Nova School of Law e coordenador do Centro de Conhecimento Nova War & Law Lab, a Al-Qaeda, o Estado Islâmico e organizações afiliadas continuam a ser uma ameaça real.

ENTREVISTA **CÉSAR AVÓ**

O 11 de Setembro foi o ataque terrorista mais mortífero e "espetacular", mas de certa forma marcou o princípio do fim da ameaça global da Al-Qaeda. Concorda?
Sim, foi um ataque paradigmático. E o mais impactante até ao momento. Mas não, não foi o princípio do fim da Al-Qaeda. Esta estrutura sofreu a pressão da guerra global ao terrorismo (que durou até à retirada norte-americana do Afeganistão, em 2021), mas adaptou-se, hibridizando-se e ficando mais fluida. Foi precisamente esta transformação que a tornou mais global, descentralizada e não menos eficaz. Ou seja, adaptou-se à pressão sobre a liderança central, com estruturas regionais que têm autonomia operacional.
De que forma evoluiu o terrorismo de cunho islamista?
Em Estados estruturados, como na Europa, afastou-se de grandes ações que implicam tempo, logística e organização. Passou a privilegiar ações individuais por inspiração ideológica, menos sofisticadas, mas mais difíceis de monitorizar. Em Estados menos estruturados, fundiu-se com agendas de contestação local. Aproveitam-se da insegurança e da instabilidade política para concentrar os seus ataques às forças de segurança locais, grupos militantes rivais e alvos de oportunidades ocidentais que estejam nas suas áreas de operação. Criou condições para ter espaço e estrutura, como o caso das organizações afiliadas na África Ocidental ou na Ásia Central.
Apesar de ter perdido o "califado", há indicações de que o Estado Islâmico (EI) ressurgiu nos últimos meses no Iraque e na Síria, numa altura em que os EUA planeiam retirar tropas da região. Até que ponto o EI é uma ameaça regional?
Houve perdas nos últimos anos, mas continuamos a ver uma ameaça real do EI no Iraque e na Síria. Vimos também o surgimento de uma estrutura afiliada do EI dentro do Afeganistão que representa uma ameaça externa, com clara intenção de atacar o Ocidente. No Iémen, por exemplo, a Al-Qaeda na Península Arábica está agora a concentrar os seus esforços em ataques que promovem a insegurança em áreas ostensivamente controladas pelo Governo do país, especialmente em Abyan e Adém.

A 11 de setembro de 2001, os dois aviões desviados por terroristas da Al-Qaeda e direcionados contra as Torres Gémeas causaram 2753 mortos.
SPENCER PLATT / GETTY IMAGES VIA AFP

No Médio Oriente coincidem grupos de "resistência" inspirados pelo Islão, como o Hamas e o Hezbollah. O Irão é a chave para uma inflexão, ou a questão é muito mais complexa?
É chave para inflexão porque os interesses se tornaram convergentes. Mas a questão é mais complexa. Há, de facto, uma articulação entre os Guardas da Revolução do Irão e o aparelho central do Hamas, sobretudo através do atual líder, Yahya Sinwar. Esta forte aproximação de um movimento sunita ao Irão, xiita, teve a ver com o enfraquecimento geral da liderança política sunita islamista, nomeadamente com o pós-Primaveras Árabes, queda mediática da causa palestiniana e a falência do jihadismo. Isto fez com que o Hamas se fosse tornando cada vez mais um ponta de lança da Resistência Islâmica, mas para isso precisava de apoio. O Irão foi a porta certa. Quanto ao Hezbollah, faz a ponte entre árabes e persas xiitas e é um elemento vital para a estratégia de Teerão da região.
Segundo o Índice Global de Terrorismo, de 2023, do Institute for Economics and Peace, entre os dez países mais atingidos, só dois não têm maioria muçulmana. Sendo os muçulmanos as principais vítimas do extremismo islamista, por que é que aparentemente tão pouco fazem para combatê-lo?
Há muitas variáveis a equacionar. A generalização pode ser um engodo. Não sei se será só pelo facto de terem maioria muçulmana. Temos também de olhar para as dinâmicas sociais e estruturas políticas de cada um destes países. Assim como assim, é preciso lembrar que o *takfir* (apóstata muçulmano) é o principal inimigo do jihadismo. E, por questões estatísticas, onde há mais *takfiris* será em países islâmicos.
Os atentados ou projetos de atentados de radicalizados na Europa sucedem-se, com diferentes desfechos. A consequência direta tem sido alimentar o discurso de ódio aos imigrantes e o crescimento da extrema-direita. A Europa é hoje menos livre do que no dia 10 de setembro de 2001?
Seguramente.

"Vimos o surgimento de uma estrutura afiliada ao Estado Islâmico dentro do Afeganistão com clara intenção de atacar o Ocidente."
Felipe Pathé Duarte
Professor e investigador

cesar.avo@dn.pt

LEON NEAL / POOL / AFP

Antony Blinken, Volodymyr Zelensky e David Lammy na reunião na capital ucraniana.

Zelensky diz que vitória de Kiev "depende" dos EUA

UCRÂNIA Secretário de Estado norte-americano e chefe da diplomacia britânico estiveram ontem na capital ucraniana.

A Ucrânia tem um plano para derrotar militarmente a Rússia que "depende principalmente" do apoio dos EUA e de outros aliados, disse o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, no dia em que o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, visitou Kiev junto com o chefe da diplomacia britânico, David Lammy. "É importante levantar as restrições ao uso de armas norte-americanas e britânicas contra alvos militares legítimos na Rússia", disse o ministro dos Negócios Estrangeiros ucranianos, Andriy Sybiga.

Os EUA e o Reino Unido comprometeram-se a entregar cerca de 1,5 mil milhões de dólares em apoio para a Ucrânia e prometeram considerar rapidamente uma resposta ao pedido para acabar as restrições. Blinken lembrou que, "desde o primeiro dia", os EUA se mostraram disponíveis para adaptar as suas políticas à situação no terreno de batalha na Ucrânia. "Vamos continuar a fazer isso", indicou.

O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, avisou por seu lado que a Rússia teria uma resposta "apropriada" se a Ucrânia fosse autorizada a usar armas contra o seu território. O ministro britânico lembrou contudo que o envio de mísseis balísticos iranianos para a Rússia, revelado nos últimos dias, mudou a forma de pensar em Londres e Washington. Foi "uma escalada significativa e perigosa", indicou Lammy.

Após o encontro com Blinken e Lammy, Zelensky disse que "todas as questões principais foram discutidas", explicando que "é importante que os argumentos ucranianos sejam ouvidos". Sendo que isso "aplica-se tanto às armas de longo alcance", como "à estratégia geral de abordagem a uma paz justa", tendo sido discutida uma segunda Cimeira da Paz como a que aconteceu na Suíça.

> Blinken lembrou que, "desde o primeiro dia", os EUA se mostraram disponíveis para adaptar as suas políticas à situação no terreno. "Vamos continuar a fazer isso."

Blinken defendeu que esta visita a Kiev (que incluiu uma viagem de nove horas de comboio desde a Polónia) demonstra o apoio "com a vitória da Ucrânia", enquanto Lammy prometeu o apoio britânico até ao fim desta guerra de "agressão e imperialismo russo" e deixou a garantia de que Londres está a reservar o equivalente a 2,7 mil milhões de euros para apoiar os esforços militares de Kiev.

Entretanto, a Ucrânia instou os aliados vizinhos da NATO a abaterem mísseis e *drones* russos que visam alvos nas regiões ocidentais do país, alertando que os ataques de Moscovo estão a aproximar-se das fronteiras com a Aliança Atlântica. Sybiga apelou a uma "resposta comum, firme e decisiva". Abater estes projéteis "seria um passo digno e correto", acrescentou o chefe da diplomacia ucraniano. Vários países vizinhos da Ucrânia e que são membros da NATO – casos da Polónia, Letónia e Roménia – já registaram violações do seu espaço aéreo por dispositivos russos.

S.S. com AGÊNCIAS

Pelo menos 14 mortos em ataque israelita a escola no centro de Gaza

GUERRA Segundo o Governo controlado pelo Hamas, já foram atacadas 18 escolas ou abrigos só em Nuseirat.

Pelo menos 14 palestinianos morreram e outros 18 ficaram feridos num novo bombardeamento do Exército israelita contra a escola al-Jaouni, em Nuseirat, no centro de Gaza, que albergava deslocados palestinianos, segundo o Governo local.

Entre os mortos estão dois funcionários da Agência da ONU para os Refugiados Palestinianos (UNRWA), mulheres e crianças, e imagens de vídeo divulgadas nos momentos após o ataque mostravam dezenas de pessoas a escavar os escombros para resgatar os corpos dos que ficaram presos pelos projéteis israelitas.

"Recentemente, sob a direção do Exército e da agência de informação interna Shin Bet [serviços secretos], a Força Aérea levou a cabo um ataque de precisão contra terroristas que operavam no interior de um centro de controlo do Hamas na zona de Nuseirat", anunciou o Exército israelita, aludindo à escola. Segundo os militares israelitas, este local era usado por militantes como espaço para planear e executar "ataques terroristas contra as tropas" de Israel.

O Gabinete de Imprensa do Governo de Gaza, controlado pelo Hamas, informou que o centro albergava mais de cinco mil pessoas deslocadas.

As Forças Armadas israelitas afirmaram ter tomado medidas para "mitigar o risco de ferir civis", como a utilização de munições de precisão, vigilância aérea e outros métodos de informação, embora normalmente façam estas afirmações sempre que atacam locais protegidos pelo Direito Humanitário Internacional, tais como escolas ou hospitais. O Governo de Gaza alegou que Israel bombardeou mais de 18 escolas ou abrigos no campo de refugiados de Nuseirat.

Os ataques ocorrem numa altura em que os principais hospitais do centro da Faixa de Gaza têm dificuldades em funcionar devido ao número crescente de vítimas que recebem e a outros problemas como a falta de eletricidade.

"Consideramos a ocupação israelita e a Administração norte-americana totalmente responsáveis pela continuação do crime de genocídio e pela prática de massacres contra civis na Faixa de Gaza", diz o comunicado do Governo. As Forças Armadas israelitas, por seu lado, insistem que é o Hamas que abusa sistematicamente das infraestruturas civis "em violação do Direito Internacional". **DN/LUSA**

EYAD BABA / AFP

O pátio da escola após o bombardeamento israelita.

Memória de Amílcar Cabral em reconstrução no seu centenário

HISTÓRIA Representações do fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde e herói nacional daqueles países têm variado. Figura condecorada em Portugal, é menorizada em Bissau.

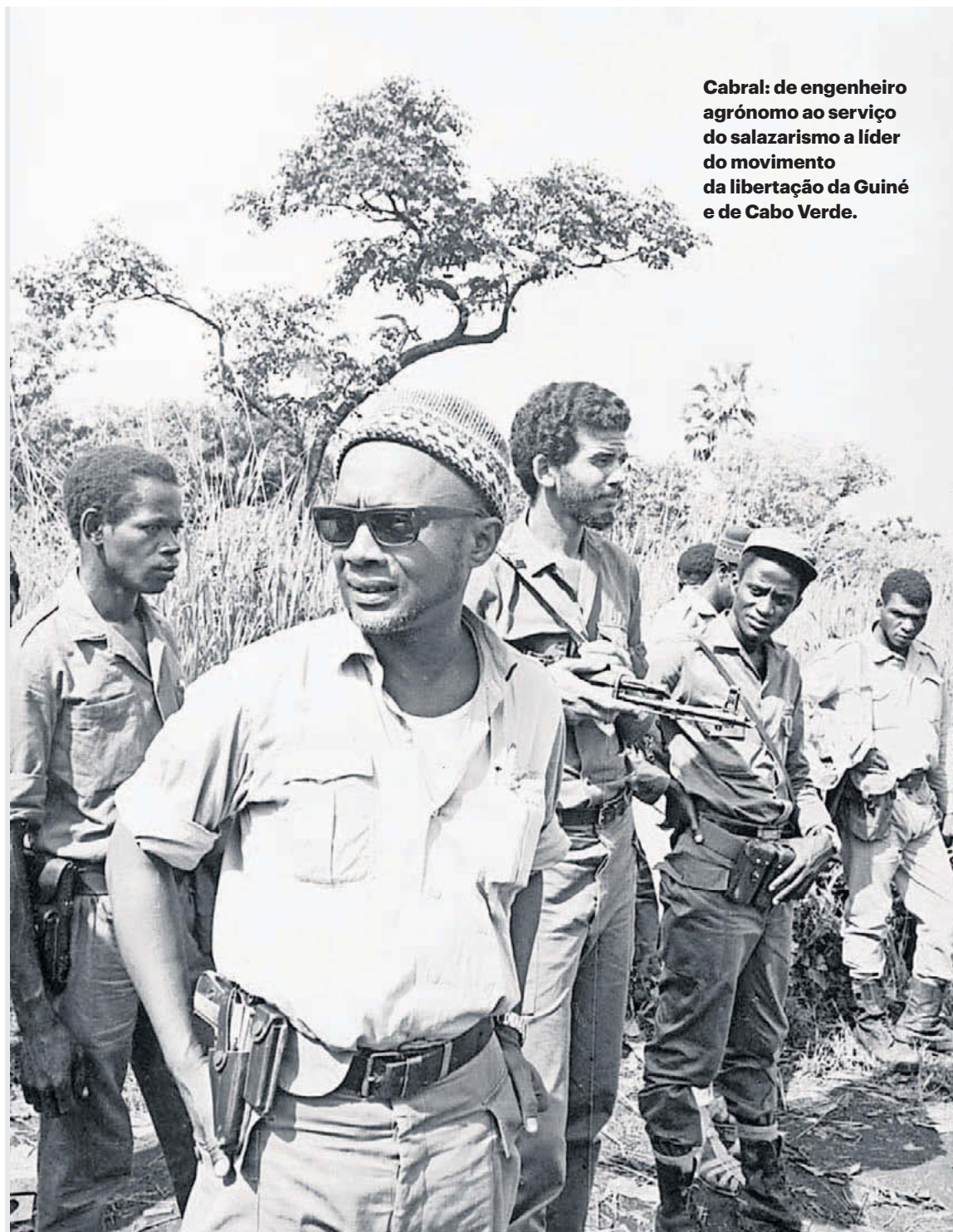
TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Cabral: de engenheiro agrónomo ao serviço do salazarismo a líder do movimento da libertação da Guiné e de Cabo Verde.

ARQUIVO DN

Em dezembro de 2022, o Presidente da República atribuiu o Grande-Colar da Ordem da Liberdade a Amílcar Cabral. Numa cerimónia realizada no Mindelo, onde a universidade local atribuiu também o Doutoramento *Honoris Causa* ao líder da luta pela independência de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, Marcelo Rebelo de Sousa destacou do "homem grande" a "personalidade moral ímpar, ombreando, senão superando, [Nelson] Mandela, [Léopold Sédar] Senghor, [Eduardo] Mondlane, [Jomo] Kenyatta e alguns mais". No ano passado, no cinquentenário do seu assassínio, Portugal – cuja ditadura à época é suspeita de ter agido em conluio com os militantes do PAIGC que o executaram – voltou a evocá-lo através da exposição *Cabral Ka Mori*. Incluída nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, a exposição foi adaptada e está agora no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, em Bissau, uma iniciativa do Instituto Camões. Na terra em que Cabral nasceu e viveu os primeiros 8 anos, termina hoje um simpósio organizado pela Fundação Amílcar Cabral, depois de ter tido início na Cidade da Praia, onde a fundação tem sede. A ausência de comemorações oficiais no país liderado por Umaro Sissoco Embaló contrasta com o reconhecimento português, e demonstra como a memória do herói guineense e cabo-verdiano não é um tema estanque.

"No caso da Guiné, a situação, atendendo a toda a evolução muito plena de acontecimentos da sua História recente, a memória que de Cabral é feita também é um pouco efeito dessas modificações no presente", diz José Neves, historiador e comissário da exposição *Cabral Ka Mori* (*Cabral Não Morreu*), agora em livro-catálogo, em equipa com a investigadora Leonor Pires Martins. Neves dá como exemplo o facto de a exposição patente em Bissau ter sido mostrada em primeiro lugar no Palácio Presidencial, no contexto daquilo que as autoridades políticas na Guiné hoje celebram como o Dia Nacional, que passou a ser o Dia das Forças Armadas e deixou de ser celebrado no dia da Declaração Unilateral da Independência.

"Nestas variações, que não têm a ver diretamente com a figura de Cabral, mas que afetam a sua memória, nestas variações do presente vamos vendo as reproduções do passado", considera.

Sissoco Embaló anunciou que as comemorações do centenário de Cabral serão associadas às celebrações dos 60 anos das Forças Armadas, que se assinalam em novembro. O presidente da Fundação Amílcar Cabral, o ex-chefe de Estado cabo-verdiano Pedro Pires, criticou esta medida, bem como a alegada proibição de afixação de cartazes alusivos ao centenário. "Nas sociedades onde tenha uma certa força o pensamento mágico, os traidores têm medo, não conseguem encarar a fotografia das pessoas que traíram, não conseguem encarar o nome das pessoas que traíram", disse Pires, citado pela Lusa.

CABRAL KA MORI
José Neves e Leonor Pires Martins
Edições Tinta-da-China
120 páginas

Também em Cabo Verde, a figura que defendia a unidade do arquipélago com a Guiné não recolhe a unanimidade. Em novembro passado, o Parlamento rejeitou a proposta do Programa de Comemorações da referida fundação, o que levou o presidente, José Maria Neves, a lamentar a decisão e a defender que "todos os países devem cuidar dos seus símbolos, devem cuidar dos seus heróis, têm o dever de memória".

Outro Neves, o investigador do Instituto de História Contemporânea e professor na Universidade Nova de Lisboa, cita o trabalho

"Um militante muito organizado e consequente no seu compromisso anticolonial, que soube criar dentro da sua própria história e do seu povo, um poder."

José Neves
Investigador do Instituto de História Contemporânea e professor na UNL

"A memória oficial e a memória popular são coisas diferentes. No plano oficial parece que há um evitamento, é tudo mais cauteloso, a sua figura apagou-se um pouco."

Leonor Pires Martins
Investigadora do Instituto de História Contemporânea

dos colegas Miguel Cardina e Inês Nascimento Rodrigues. "Podemos ver que no caso de Cabo Verde há uma variação no início dos Anos 90, quando a memória, digamos assim, a narrativa memorialística da História de Cabo Verde passa por um processo que outros autores têm chamado de uma certa desafricanização dessa identidade construída para Cabo Verde, e nesse processo de desafricanização, que corresponde também com as transformações político-constitucionais em Cabo Verde, e portanto a saída do PAIGC de uma posição hegemónica, dominante no Estado, e que coincidem também com as viragens geopolíticas mais globais, como a queda do Muro de Berlim, as transformações no contexto africano."

E nesse contexto de desafricanização específico, a memória de Amílcar Cabral "torna-se menos intensa" e é "um pouco higienizada", ou seja passa a ser "uma espécie de referente da unidade nacional, uma figura de referência cívica, ética, moral, mas despolitizada, nomeadamente em relação aos conteúdos anticoloniais", prossegue José Neves que coincide com Marcelo Rebelo de Sousa ao comparar a imagem de um "Cabral quase pacificado" à imagem de Mandela.

Leonor Pires Martins, coautora do livro-catálogo e que prepara um doutoramento sobre as biografias de Amílcar Cabral, destaca as suas várias dimensões do "homem agrónomo, da ciência" ao poeta, da fabricada imagem de guerreiro – "nunca andou na frente de combate" – ao "diplomata astuto que tanto negociava com os chineses, como com os soviéticos, e procurava apoio nos países nórdicos", tendo sido recebido pelo Papa Paulo VI em 1970, numa audiência em conjunto com Marcelino dos Santos, da Frente de Libertação de Moçambique, e Agostinho Neto, do Movimento Popular de Libertação de Angola.

Da sua investigação diz ainda que passou a olhar de outra forma para a Guerra Colonial, que "tende a ser vista como um conflito entre o Exército português e os movimentos de libertação e era muito mais do que isso", tendo em conta a rede de alianças e de apoios, da China à URSS, de Cuba à Checoslováquia e ainda aos países nórdicos.

José Neves, que vê em Cabral "um militante organizado e consequente no seu compromisso anticolonial", aponta também para a recuperação da sua memória, "no contexto académico, intelectual e artístico Ocidental, com os movimentos em torno do chamado *Black Lives Matter*", com a recuperação de figuras que lutaram nos movimentos de libertação africanos. "Também nesse contexto, Cabral ganha uma nova vida."

cesar.avo@dn.pt

Cabral em 6 momentos

NASCIMENTO
Nasce em Bafatá em 12 de setembro de 1924, filho do cabo-verdiano Juvenal Lopes Cabral e da guineense Iva Pinhel Évora.

MUDANÇA
Aos 8 anos a família muda-se para Cabo Verde. Vive no Mindelo, onde conclui os estudos liceais, e na Praia.

AGRÓNOMO
Com uma bolsa de estudos universitários, Cabral muda-se para Lisboa em 1945 para estudar no Instituto Superior de Agronomia. Forma-se em 1952 com um estudo sobre a erosão do solo em Cuba, Alentejo.

RECENSEAMENTO
Em 1953, regressa à Guiné para chefiar um recenseamento agrícola do país, um inquérito que durou cinco meses e terá marcado Cabral, assim como as suas estadas em trabalho em Angola, onde a partir de 1955 trabalha como engenheiro agrónomo para empresas privadas, e testemunha de perto o colonialismo.

EM CONACRI
Estabelece-se em 1960 na República da Guiné, independente desde 1958, para liderar o Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde, estabelecendo inúmeras ligações internacionais e partindo para a luta armada.

ASSASSÍNIO
Após anos de guerra, Cabral foi assassinado por elementos do próprio partido, em janeiro de 1973.

Opinião
João Almeida Moreira

Little Britain na Avenida Paulista

Uma das mais interessantes personagens da série cómica *Little Britain*, exibida na BBC de 2003 a 2006 e em Portugal mais ou menos por essa altura, era Daffyd Thomas, que se proclamava "*the only gay in the village*", isto é, "o único *gay* da aldeia".

Nessa aldeia no coração de Gales, Llanddewi Brefi, a população era composta maioritariamente por agricultores e mineiros homofóbicos. Myfanwy, a dona do *pub* onde as cenas se desenrolavam, era a exceção.

E, sempre que possível, ela, qual cupido, tentava que outros *gays* de passagem na aldeia conhecessem Daffyd, que, sentado ao balcão, vestido com exuberantes roupas de látex, os ia hostilizando um a um. Porque, no fundo, ele não queria um parceiro – ele queria mesmo era ser "*the only gay in the village*".

Na extrema-direita brasileira, Jair Bolsonaro e adjacências são o Daffyd de *Little Britain*.

Vivendo da mentira *online*, do cristianismo charlatão, do negacionismo retardado, da luta contra moinhos de vento comunistas e de um gado eleitor sem limites para a credulidade, era suposto que Bolsonaro e adjacências se tornassem parceiros de outros políticos que vivessem da mentira *online*, do cristianismo charlatão, do negacionismo retardado, da luta contra moinhos de vento comunistas e de um gado eleitor sem limites para a credulidade, como o *coach* Pablo Marçal, candidato a prefeito de São Paulo nas eleições de outubro.

Mas não: Bolsonaro e adjacências querem ser os únicos aldrabões a viver às custas da credulidade do eleitorado – em suma, eles querem ser, "*the only gays in the village*".

As manifestações da extrema-direita brasileira na Avenida Paulista de 7 de setembro, dia da independência do país, que nesta tosca metáfora assumem o papel do *pub* da cupido Myfanwy, seriam o ponto do encontro ideal para Bolsonaro e Marçal, enfim, iniciarem um romance político.

Porém, Marçal, que chegou de helicóptero ao local para depois recortar a aparição em forma de vídeos curtos de internet, foi impedido de subir ao palanque onde discursavam Bolsonaro e adjacências.

Num vídeo de WhatsApp, o ex-presidente chamou ao candidato a prefeito "aproveitador", "traidor" e "arregão [cobarde]" por se tentar aproveitar do trabalho dos outros – mais ou menos o que Daffyd sentia à chegada de outro *gay*.

Já Marçal, acabado de voltar de uma viagem internacional para se encontrar com Bukele e Milei, chefes de Estado de El Salvador e Argentina, sem ser recebido por nenhum deles, respondeu à letra, desviando o "povo", palavra de que Bolsonaro tanto abusa, da boca do ex-presidente. "Eu não subi no palanque, mas acabei caindo nos braços do povo".

"Narcísico, megalomaníaco, soberbo que quer tirar proveito de tudo", contrapôs então o pastor milionário Silas Malafaia, adjacência de Bolsonaro. "Ele queria fazer cortes de internet para a campanha dele, é mentiroso e manipulador, não é digno dos votos dos evangélicos."

Marçal replicou, roubando o *Velho Testamento*, de que Malafaia tanto abusa, da boca do pastor milionário. "O comunismo é o Golias, eu sou o David, e entrou uma personagem nova neste fim de semana, o Eliabe, irmão de David, que se levanta para o desmoralizar: Eliabe é o Malafaia, só há uma pessoa de quem eu tenho medo, é o Deus vivo."

Em breve, mais notícias de Llanddewi Brefi, perdão, da extrema-direita do Brasil.

Jornalista, correspondente em São Paulo

Viktor Gyökeres, Diogo Costa e António Silva são os mais valiosos de Sporting, FC Porto e Benfica, respetivamente.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

JAMES ALPHA

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

JOGADORES MAIS VALIOSOS

SPORTING

	VALOR (M€)
Gyökeres	65
Gonçalo Inácio	45
Hjulmand	40
Diomande	40
Total do plantel:	**383,50**

FC PORTO

	VALOR (M€)
Diogo Costa	45
Alan Varela	35
Samu Omorodion	35
Pepê	30
Total do plantel:	**334,25**

BENFICA

	VALOR (M€)
António Silva	45
Kökçü	27
Pavlidis	25
Trubin	25
Total do plantel:	**329**

NOTA: DADOS *TRANSFERMARKT.COM*

Sporting tem o plantel mais valioso. FC Porto ultrapassou Benfica

I LIGA Os jogadores leoninos estão avaliados em 383,5M€, mas a cotação dos dragões foi a que mais subiu. Já as águias desvalorizaram 32M€. Gyökeres continua a ser o futebolista mais cotado.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

O FC Porto ultrapassou o Benfica como o segundo plantel mais valioso da I Liga, de acordo com os dados atualizados do *Transfermarkt.com*, num *ranking* que mantém o Sporting como a equipa mais valiosa, com uma cotação de 383,50 milhões de euros, mais 20 milhões do que o montante contabilizado no final da época passada. Há a destacar que, nestas contas, não entra ainda a revelação Geovany Quenda, de 17 anos, que tem sido titular na equipa de Rúben Amorim, mas que ainda não viu ser-lhe atribuída qualquer cotação por aquele *site* especializado em mercado.

O plantel do FC Porto foi aquele cuja cotação mais subiu entre os três candidatos ao título, tendo como comparação o final da última temporada, totalizando mais 24,5 milhões de euros. Os jogadores agora orientados por Vítor Bruno têm um valor de mercado de 334,25 milhões, para o qual muito contribuíram as entradas do ponta-de-lança espanhol Samu Omorodion (35M€) e do médio Fábio Vieira (22M€), isto para já não falar na continuidade do brasileiro Galeno (25M€), que esteve a um passo de rumar à Arábia Saudita nas últimas horas da janela de transferências de verão.

Já o Benfica, além de ter caído para o 3.º lugar deste *ranking*, foi o único dos grandes a ver o plantel desvalorizar, em valores da ordem dos 32 milhões de euros. Os encarnados passaram de 359 milhões no final da época passada, para um valor total de 329 milhões de euros entre os jogadores agora à disposição de Bruno Lage.

Dois intrusos entre leões

Este decréscimo significativo explica-se em boa medida com as saídas de João Neves, David Neres, Marcos Leonardo e Rafa Silva, que em conjunto estavam, em maio, avaliados em 119 milhões de euros. Este montante não foi, no entanto, devidamente compensado pela cotação dos reforços, dos quais o avançado Pavlidis é o mais valioso, seguido por Leandro Barreiro, Kerem Aktürkoglu, Jan-Nicklas Beste e Zeki Amdouni. Estes cinco futebolistas juntos têm uma avaliação total de 84 milhões de euros.

Aliás, FC Porto e Benfica têm o mesmo número de jogadores cotados acima dos 20 milhões de euros, seis cada um. A saber, Diogo Costa (45), Alan Varela (35), Omorodion (35), Pepê (30), Galeno (25) e Fábio Vieira (22) pelo portistas; António Silva (45), Kökçü (27), Pavlidis (25), Trubin (25), Aursnes (20) e Florentino Luís (20) pelos benfiquistas.

Já o Sporting tem ao seu serviço quatro dos seis atletas mais valiosos da I Liga, com destaque para o líder do *ranking*, o goleador sueco Viktor Gyökeres, cotado em 65 milhões de euros, à frente do defesa Gonçalo Inácio (45), Morten Hjulmand (40) e Ousmane Diomande (40). Ou seja, só Diogo Costa e António Silva se intrometem entre os leões.

Boavista vale menos que Ricardo Horta

Na lista do Transfermarkt, destaque ainda para o Sp. Braga que é o único, excetuando os três grandes, que tem o plantel avaliado na casa das centenas de milhão, mais concretamente 111,1 milhões de euros. Ainda assim, uma descida em relação à cotação que os minhotos tinham no final da última época, que atingiu os 138,5 milhões.

Esta diferença explica-se com as saídas de jogadores como Simon Banza (18M€), Álvaro Djaló (15M€) e Abel Ruiz (12M€), que representaram significativos encaixes financeiros para a SAD, mas que ao mesmo tempo depreciaram o valor do atual plantel. Neste momento, os atletas mais valiosos à disposição do treinador Carlos Carvalhal são Ricardo Horta (15M€), Zalazar (12M€) e Roger Fernandes (10M€).

A uma grande distância das bracarenses estão outras duas equipas minhotas, o Famalicão cotado em 41,95 milhões de euros, e o Vitória de Guimarães, com uma avaliação de 41,03 milhões, com Gustavo Sá (8M€) e Tomás Händel (7M€) a serem, respetivamente, os futebolistas mais valiosos.

No outro extremo da I Liga está o Boavista, cujo plantel vale menos do que… Ricardo Horta, o futebolista mais bem cotado fora dos três grandes. Os axadrezados, que enfrentam problemas financeiros que os impediram de fazer contratações, têm um lote de jogadores avaliado em 14,2 milhões de euros.

carlos.nogueira@dn.pt

Uma presidente no FC Porto? Villas-Boas gostava, mas realidade mostra que ainda está distante

PARIDADE Liderança de clubes ainda à prova de igualdade de género. Alexandrina Cruz, do Rio Ave, é a primeira e única mulher a presidir na I Liga. Há 5889 dirigentes femininas registadas em Portugal.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Anfitrião e orador do *Fórum sobre Liderança Feminina no Desporto*, André Villas-Boas confessou ontem que é seu desejo ver uma mulher chegar à presidência do FC Porto. "Que daqui a uns anos, na cadeira de sonho que ocupo, se sente uma mulher, e eleve o FC Porto ao estatuto de clube dos clubes", revelou o presidente portista no *SIGA Women Leadership Forum* que decorreu no Estádio do Dragão.

A igualdade de género no Dragão é uma preocupação do sucessor de Pinto da Costa, que criou a Secção de Futebol Feminino – a equipa estreou-se com mais de 30 mil pessoas a ver – e pretende aumentar o número de atletas mulheres, que nesta altura são apenas 17% do universo portista. Além disso, segundo Villas-Boas, "os quadros do grupo FC Porto caminham para a paridade, com 47 % a serem mulheres" e a "política de recrutamento, assim como o tratamento, é igual e indiferenciado entre géneros".

Para ser presidente do FC Porto é preciso ser sócia e, nesse campo, é também desejo do atual líder aumentar a quantidade de sócias 35 % e assim aproximar o número de associadas aos homens.

O desejo do atual líder dos dragões , contudo, não tem reflexo na realidade portuguesa. Até hoje só duas mulheres presidiram aos destinos de dois clubes em competições profissionais. Alexandrina Silva lidera o Rio Ave, clube da I Liga, desde 2013, e Sílvia Carvalho foi presidente da SAD do Leixões entre 2013 e 2015, mas não chefiava o clube.

Saindo da esfera clubística, todas as 28 federações de modalidades olímpicas portuguesas são presididas por homens. E do total de 115 vice-presidentes, há apenas duas mulheres, segundo um *Relatório sobre Igualdade de Género no Desporto* do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), que lançou inclusive, em 2023, uma campanha direcionada às raparigas, alunas do Ensino Secundário, sob o mote - "Tu também podes ser a presidente do teu clube".

Ainda segundo dados do IPDJ, em 2023 estavam registadas 5889 dirigentes mulheres – o andebol é modalidade líder com 1494, seguida do futebol com 821 – num universo de 29 128 homens, o que torna ainda mais difícil imaginar que alguma chegue ao cargo de presidente, em clubes ou federação.

LEONEL DE CASTRO

André Villas-Boas quer aumentar paridade no FC Porto, desde a prática desportiva ao número de sócios.

> Segundo dados do IPDJ, em 2023 estavam registadas 5889 dirigentes mulheres – o andebol é modalidade líder com 1494 – num universo de 29 128 homens. E todas as 28 federações de modalidades olímpicas são presididas por um homem.

Leila, exemplo no Palmeiras

Ainda consideradas intrusas num mundo de homens, a verdade é que algumas mulheres vão mostrando competência a liderar no futebol. O caso mais mediático e de maior sucesso é Leila Pereira, que à boleia do sucesso de Abel Ferreira no comando da equipa do Palmeiras tem conquistado reconhecimento no futebol brasileiro e mundial.

Líder do *Verdão* desde 2022, é uma digna sucessora de outras líderes como Flora Viola, que durante três meses, em 1991, presidiu a AS Roma, ou Teresa Rivera, que, em 1994, se tornou a primeira mulher presidente de um clube espanhol (Rayo Vallecano). Ou ainda Gisela Oeri, a multimilionária presidente dos suíços do Basileia, de 2006 a 2012. Em Espanha, há atualmente quatro clubes presididos por mulheres: Amaia Gorostiza (Eibar), Layhoon Chan (Valência), Marián Mouriño (Celta de Vigo) e Sophia Yang (Granada).

isaura.almeida@dn.pt

BREVES

Renato Sanches pode parar duas a três semanas

Renato Sanches contraiu uma lesão muscular na coxa direita no treino de terça-feira, e pode ser obrigado a parar entre duas a três semanas, sendo certo que vai falhar o jogo de sábado frente ao Santa Clara, o da *Champions*, da próxima semana, com o Estrela Vermelha, e ainda provavelmente o com o Boavista, relativo ao campeonato. O Benfica, contudo, não deu qualquer informação sobre o tempo de paragem, mas duas a três semanas é o normal neste tipo de lesões. O médio de 27 anos, que regressou à Luz por empréstimo do PSG neste defeso, tem tido nos últimos anos um longo historial de lesões, pelo que a situação causa alguma apreensão junto dos responsáveis benfiquistas.

Jéssica Augusto anuncia final de carreira

Jéssica Augusto, 42 anos, segunda melhor portuguesa de sempre na maratona, anunciou ontem o fim da carreira "na altura ideal" e com o sentimento de dever cumprido, apesar de ter falhado o objetivo de ter chegado a Paris2024. "Temos de saber sair e sair tem de ser pela porta grande. Foi por isso que eu decidi terminar agora", assumiu. Após muitos anos ao mais alto nível, garantiu que termina a carreira "com o sentimento de dever cumprido", mesmo que assuma que, "olhando para trás, melhorava uma ou outra coisa". Jéssica considera que o seu melhor momento foi o 6.º lugar na maratona dos Jogos Olímpicos de Londres2012.

A pala de 100 metros de comprimento tem uma cobertura de 3274 telhas de cerâmica brancas.

GULBENKIAN

Mais luz e mais jardim no novo Centro de Arte Moderna

LISBOA Encerrado para obras em 2020, o Centro de Arte Moderna da Gulbenkian prepara-se para surpreender os visitantes com um edifício reinterpretado pelo arquiteto japonês Kengo Kuma. Mas há muitas mais novidades, no espaço e na programação, como se verá a partir de 21 de setembro.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS** FOTOS **LEONARDO NEGRÃO**

O terreno é o mesmo, mas quase tudo é novo no Centro de Arte Moderna (CAM) que a Fundação Calouste Gulbenkian se prepara para inaugurar em ambiente de grande festa, no fim de semana de 21 e 22 de Setembro. Mais luz natural, mais jardim, mais sustentabilidade, mas também muito mais arte são os lemas deste novo/velho edifício, que encerrara para obras em 2020. Tudo sob a "proteção" da maior novidade do espaço: a gigantesca *Engawa*, elemento da arquitetura tradicional japonesa que se propõe estabelecer uma ligação harmoniosa entre o espaço interior, mais íntimo, e o exterior, mais mundano. Sem dúvida, um traço de autoria do arquiteto japonês, Kengo Kuma, responsável pelo projeto.

A esta nova identidade arquitetónica corresponde também um aumento significativa da área expositiva (com reforço antissísmico da estrutura) – cerca de 900m² – e toda uma nova área de jardim, que permite ligar a Rua Marquês de Fronteira à Avenida de Berna.

Esta nova parcela resulta da aquisição de dois hectares de jardim contíguos ao Parque desenhado, na década de 1960, por Gonçalo Ribeiro Telles e António Viana Barreto, em que o arquiteto paisagista Vladimir Djurovic se inspirou para esta nova intervenção.

Como nos explica Paula Corte-Real, que também trabalhou no projeto, "a prioridade foi dada à sustentabilidade ambiental e ao respeito pelos ciclos da Natureza". Foram mantidas as árvores já existentes que se encontravam em bom estado, acrescentadas outras novas, mas de porte já considerável e "foi criado todo um sistema de aproveitamento de água da chuva que desemboca, uma vez percorrido todo um circuito novo, no lago grande do jardim".

Estamos, pois, perante uma pequena "mata urbana", com um elevado índice de biodiversidade,

capaz de estabelecer uma transição subtil, muito natural, com o jardim original da Gulbenkian. Nesta época do ano, o visitante poderá, assim, conviver em harmonia com espécies como chapins, toutinegras ou libelinhas.

Assim, como lembrou António Feijó, presidente da Gulbenkian, ficam também resolvidas, "algumas das críticas ouvidas em 1983, quando o CAM abriu ao público e que iam no sentido de o edifício ser um obstáculo cego e abrupto no final do Parque."

As preocupações com a sustentabilidade estenderam-se ainda à intervenção arquitetónica sobre o edifício original de betão, da autoria do arquiteto britânico Leslie Martin. Como referiu Lourenço Rebelo de Andrade, arquiteto envolvido nesta obra, a pala de 100 metros de comprimento tem uma cobertura de 3274 telhas de cerâmica brancas, "totalmente produzidas em Portugal, tal como as madeiras utilizadas". Além desta preocupação com a origem das matérias-primas, a pala proporciona ao edifício um "ambiente de frescura, que permite reduzir a utilização de ar condicionado".

As primeiras exposições

Nesta primeira temporada do novo CAM, Leonor Antunes, antiga bolseira da fundação, é a primeira artista a receber carta branca da direção do Centro de Arte Moderna, uma iniciativa que, de acordo com o diretor da instituição, Benjamin Weil, é para continuar, já que "os artistas utilizam muito bem essa liberdade criativa que lhes propomos".

Leonor Antunes usou-a apresentando uma monumental instalação escultórica intitulada *Da desigualdade constante dos dias* (patente de 21 setembro até 17 fevereiro 2025), que ocupa todo o espaço da Nave e que estabelece um diálogo com um conjunto de obras da coleção permanente do CAM, escolhidas pela artista.

Uma exposição coletiva, *Linha de Maré*, inaugura a nova galeria destinada a mostrar obras da coleção (as chamadas reservas visitáveis), dando a ver um importante conjunto de peças que questiona a relação do ser humano com o mundo natural, desde o final do século XIX até aos nossos dias.

O Espaço Engawa, também ele novo, vai acolher *O Calígrafo Ocidental* (21 setembro – 20 janeiro 2025), uma mostra que documenta a relação de Fernando Lemos com o Japão, desde os tempos em que este solicitou uma bolsa à Gulbenkian para estudar caligrafia naquele país. As obras agora apresentadas pertencem ao Instituto Moreira Salles, no Brasil, onde a viúva depositou o espólio do artista.

Serão ainda apresentadas várias exposições enquadradas na Temporada de Arte Contemporânea Japonesa, iniciativa lançada no ano passado para celebrar os 40 anos do CAM. Go Watanabe apresenta a obra *site-specific, M5A5* (de 21 setembro a 4 de novembro) e Chikako Yamashiro terá, a partir de novembro, a exposição *Song of the Land* (29 de novembro a 3 de janeiro 2025).

Por sua vez, Yasuhiro Morinaga inaugura a nova Sala de Som, com a instalação inédita *The Voice of Inconstant Savage* (21 de setembro – 13 de janeiro 2025). No átrio do CAM, passará a estar instalada uma sala de vídeo itinerante – a H BOX – concebida pelo artista luso-francês Didier Faustino, onde o público terá acesso gratuito a um conjunto de vídeos de artistas internacionais, sempre em regime de rotatividade.

E porque falamos de um espaço que quer "ser vivido pela comunidade", como sublinhou, na apresentação do novo espaço à imprensa, Ana Botella, vice-diretora do CAM, haverá ainda um novo restaurante e uma nova loja. O restaurante, que se chamará A Mesa do CAM (e que fica exatamente onde estava o antigo e emblemático *self-service*) vai propor uma experiência gastronómica *farm to table*, recorrendo a produção própria e a uma rede de produtores locais.

Liderado pelo *chef* André Magalhães (da Taberna da Rua das Flores), privilegiará a sustentabilidade e a sazonalidade dos produtos, apresentando diferentes propostas ao longo do ano. Para a escolha do nome, contribuiu a grande mesa desenhada por Kengo Kuma, que se divide em mesas de vários tamanhos em função do número de comensais.

A Loja, voltada sobretudo para o *design*, propõe-se desafiar criadores e marcas a desenvolver peças exclusivas inspiradas pelas coleções artísticas. Entre as primeiras peças à venda estarão as obras produzidas pela Portugal Jewels e criadas pela jovem *designer* Tamia Dellinger, finalista da Ar.Co.

Será também lançada uma linha de perfumes inspirada no aroma do Engawa jardim, com a assinatura da indiana Jahnvi Lakhota Nandan. Para além dos catálogos das exposições e dos livros de arte, a loja apresentará ainda linhas próprias de *merchandising* a partir da nova imagem do CAM.

O fim de semana de inauguração terá vários momentos musicais que se prolongarão noite fora nos espaços interiores e exteriores do CAM, numa programação realizada em colaboração com a Associação Cultural Filho Único.

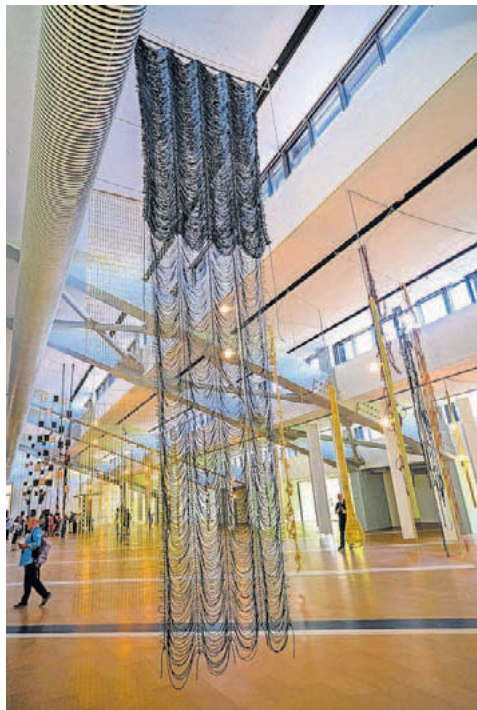
A artista belga, de origem caribenha e radicada em Londres, Nala Sinephro, que se tem destacado no campo do *jazz* experimental, atua no Anfiteatro ao Ar Livre pela primeira vez em Portugal. Já os *DJ* Nídia e Tim Reaper vão animar o Engawa com as suas propostas musicais alternativas.

Haverá ainda lugar para apresentações musicais em diálogo com as obras de arte expostas nos vários espaços do CAM. Será o caso do espetáculo de Éliane Radigue, pioneira da música eletrónica, que fará uma série de concertos-*performance* na Nave do CAM, a partir da instalação escultórica de Leonor Antunes. A artista multidisciplinar brasileira Jota Mombaça fará, por sua vez, uma *performance* especialmente criada para a ocasião – *Sempre viva cobra d'água* – que cruza a escultura, a arte pública e a *performance* ambiental.

No âmbito da temporada japonesa que agora se inicia, a dupla Ryoko Sekiguchi & Samon Takahashi trará *Ecoando*, uma *performance* inédita que cruza música e poesia, de modo a criar um espaço poético visual e sonoro únicos. Nesta ocasião, Takahashi apresenta também o seu *DJ Set* criado especialmente para o Engawa.

De referir que, após a inauguração, todas as exposições terão entrada gratuita até 7 de outubro.

O edifício original do CAM inaugurou a 20 de julho de 1983, tendo como principal objetivo reunir e dar a ver a coleção de arte contemporânea que a Fundação Gulbenkian vinha a reunir desde o final da década de 1950. Com a sua abertura, José de Azeredo Perdigão, primeiro presidente da instituição, realizava o velho sonho de complementar a oferta proporcionada pelo Museu Gulbenkian, cujo acervo termina nas primeiras décadas do século XX.

O edifício do CAM teve um aumento significativa da área expositiva (com reforço antissísmico da estrutura) – cerca de 900m².

Sydney Sweeney é Reality Winner... em cada gesto.

Reality: ainda, e sempre, as eleições americanas

DENUNCIANTE Retrato fiel do interrogatório da jovem que libertou informação classificada sobre a interferência russa nas eleições americanas de 2016, *Reality* – longa-metragem de estreia de Tina Satter – é uma notável peça de tensão cronometrada. A realidade de uma circunstância, palavra por palavra.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

De todas as particularidades do filme *Reality*, talvez o título seja o aspeto mais imediato a esclarecer. Vejamos: se, por um lado, a palavra remete o espectador para o princípio da "realidade", o seu duplo sentido esconde também o incrível nome da protagonista, Reality Winner (à letra, "realidade vencedora"), que em 2017 foi abordada pelo FBI, na sequência de ter vazado o relatório confidencial que dava conta da interferência russa nas eleições americanas do ano anterior. Enquanto tradutora ao serviço da Agência de Segurança Nacional (NSA), e veterana da Força Aérea dos Estados Unidos, Winner tinha diariamente acesso a este tipo de documentos, o que, de alguma maneira, endossa a tese de que a sua ação foi mais espontânea e menos premeditada do que se possa imaginar. Mas nem isso, nem os seus 25 anos, impediram uma sentença de prisão de cinco anos – a maior jamais aplicada num caso do género –, depois de um interrogatório com o seu quê de bizarro.

3 de julho de 2017 é então a data que importa em *Reality*. O dia em que a protagonista, interpretada por Sydney Sweeney, chega a casa, em Augusta, Geórgia, vinda do supermercado, e se vê interpelada por dois agentes do FBI, antes mesmo de conseguir abrir a porta para meter as compras no frigorífico...

> Todos os movimentos e diálogos da circunstância que envolveu a detenção de Winner são a matéria por excelência de um filme comprometido com a filigrana da realidade tensa.

Sim, pormenores como este não são de descartar, porque todos os movimentos e diálogos da circunstância que envolveu a detenção de Winner são a matéria por excelência de um filme comprometido com a filigrana da realidade tensa.

Um argumento sem invenções

Assinado pela dramaturga Tina Satter, aqui pela primeira vez a trabalhar numa lógica cinematográfica, *Reality* nasce de uma peça criada pela própria em 2019, que usa a transcrição integral do interrogatório (gravado pelo FBI) como base de uma reconstituição dramática do que aconteceu naquele dia. Tanto que, por vezes, o que ouvimos da boca dos intervenientes é confrontado no ecrã com a letra da transcrição em si mesma, deixando claro o que se pretende: fazer o espectador sentir a mistura estranha de desconforto, banalidade e intimidação que caracterizou aqueles minutos da vida de Reality Winner.

Entre procedimentos inerentemente agressivos e conversas sobre *crossfit* ou o bem-estar dos animais (um cão e um gato) da interrogada, *Reality* assenta no nervo de uma situação vertida palavra por palavra, em que cada hesitação ou tossidela conta para o discernimento do que significa ter forças da autoridade à porta ou dentro de casa.

E o que "vence" neste filme é, precisamente, o minimalismo funcional com que cria *suspense* (às vezes a roçar a comédia negra) a partir de material não-dramático, em sentido estrito. Ou seja, Satter não cedeu um milímetro à tentação de embelezar o texto, antes trabalhando com Sweeney uma matemática de gestos que procuram chegar ao osso daquele momento em todo o seu esplendor de "fatia da realidade", refém da pobreza de diálogos que é a própria pobreza da interação humana mais crua.

Sem forçar qualquer comentário ou mensagem sobre aquilo que retrata com a dita máxima fidelidade, *Reality* acaba por ser a evidência fílmica da nossa frágil condição de cidadãos, seja qual for o país em causa – embora a América, tão específica nas suas histórias de paranoia política, não se possa comparar a qualquer país.

Com novas eleições a marcarem a atualidade, o caso de Reality Winner é um lembrete relevante e eficaz de como o perigo antidemocrático, denunciado ou não, continua a pontuar o tecido da realidade americana.

O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
REALITY	★★★★		★★★
A PEDRA SONHA DAR FLOR	★★★	★★★	★★★
UBU		★★★	★★
SALVAÇÃO		★★★	
JUSTIÇA ARTIFICIAL		★★	
REBEL RIDGE	★★★		
BEETLEJUICE BEETLEJUICE	★★	★★★	★★★★
DADDIO – UMA NOITE EM NOVA IORQUE		★★★	
24 FRAMES	★★★★★		★★★★★
COMO POR MAGIA			★

● Mau ★ Medíocre ★★ Com interesse ★★★ Bom ★★★★ Muito bom ★★★★★ Excecional

Ubu, um filme que faz das suas limitações a sua força...

Uma vénia a este rei!

ADAPTAÇÃO Pegar em *Rei Ubu*, de Jarry, não é para todos. Paulo Abreu estica-se propositadamente e faz uma filme com eixos estonteantes. *Ubu* é mais um filme português metido nesta enxurrada de estreias...

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Em 1965 Jean-Christophe Averty adaptou ao cinema a famosa peça de teatro *Ubu Roi*, de Alfred Jarry. Depois disso não surgiram mais "loucuras" ao querer adaptar material que brincava com *Rei Lear* e *Macbeth*, ambos textos de Shakespeare. Agora, depois de muitas curtas e documentários, Paulo Abreu estreia-se nas longas de ficção com esta adaptação. Um *Ubu* em 4:4, a preto & branco e com um registo com uma contratualização de humor delirante.

Esta tragicomédia conta a história de uma usurpação de poder em tempos medievais na Polónia. Ubu, instigado pela sua ambiciosa mulher, derruba o rei Venceslau e fica com o poder. Um poder que cedo lhe sobe à cabeça. Num abrir e fechar de olhos começa a matar a torto e a direito quem não gosta e elementos da corte.

A governação de Ubu, sempre com a conivência da mulher, não conhece limites. A sua vaidade vai aumentando para graus intoleráveis e as execuções sucedem-se. A crueldade parece ser a sua característica maior e o seu reino acaba por ficar na ruína. Escrito no século XIX, o texto de Jarry acaba por ter pontos de coincidência com o atual estado do mundo. E é precisamente isso que parece interessar ao projeto: caricaturar a traço grosso o aumento de tiranias em diversas partes do mundo e a crescente popularidade de regimes totalitários. A maneira como se caracteriza a cegueira do rei usurpador e cobarde remete para algo que está muito em cima dos debates contemporâneos: a extensão e gravidade do trumpismo. Abreu carrega no absurdo para ser ainda mais contundente. Em bom rigor, há uma graça *punk-rock* em todo este gesto.

Sem a tão conciliadora pose de dogma de "teatro no cinema", Abreu filma o texto de Jarry com uma liberdade de *enfant terrible*, dando aos atores uma permissão para um excesso que só lhes fica bem, erigindo também uma jovialidade de gótico-recreativa que se torna inesperada. No entanto, em vez de caos, há até um certo rigor nesse prazer de nunca nos dar aquilo que estávamos à espera. Talvez seja precisamente por aí que nesta corte não surgem bocejos ou academismos de "cinema de época". Ao desmontar a "linguagem" teatral, o cineasta está a instalar energia de cinema pura, mesmo quando se sente a limitação do orçamento.

E nessa liberdade dos atores palavras de apreço pelo vigor de Miguel Loureiro, ator que dá a este vilão um sentido de repulsa verdadeiramente refinado.

A seu lado uma Isabel Abreu também a compreender a permissão para ser tudo menos "natural". Sente-se que os atores se divertiram, mas nesse jogo de diversão muito passa para o espectador.

Fica o desejo de que este filme torne mais visível o trabalho de um realizador que sempre teve um estilo muito próprio, aqui a fazer do artesanal uma arma: *Ubu* é um "Paulo Abreu original", impossível de ser imitado.

Imagens e sons criados a partir das palavras de Raul Brandão.

O cinema é um ato de fé

PARÁBOLA Com *A Pedra Sonha Dar Flor*, esta semana nas salas, Rodrigo Areias propõe uma envolvente deambulação narrativa pela obra de Raul Brandão: o cinema reinventa-se, assim, como utopia enraizada nos poderes da palavra escrita.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Uma velha forma de sabedoria cinematográfica e cinéfila ensina-nos que os filmes não se esgotam na reprodução dos espaços que filmam. Confirmando ou decompondo as coordenadas desses espaços, um filme cria a sua própria geografia. Ou ainda: inventa o seu mapa narrativo. Assim acontece com a parábola existencial que é *A Pedra Sonha Dar Flor*, uma tapeçaria de cenas inspiradas em vários escritos de Raul Brandão (1867-1930), emprestando forma visual e sonora ao ambíguo realismo do autor de *A Morte do Palhaço* e *O Mistério da Árvore*, *Húmus* e *Os Pescadores*.

A realização de Rodrigo Areias reflete e, de alguma maneira, amplia o seu gosto pela integração de memórias que o cinema adapta, adota e transfigura. Aliás, na sua filmografia encontramos títulos como *1960* (2013), *A Arte da Memória* (2021) ou o mais recente *O Pior Homem de Londres* (lançado em fevereiro deste ano) que, entre materiais de arquivo e deambulações ficcionais, exploram a ambivalência cinematográfica que permite transfigurar qualquer tempo em acontecimento do presente emocional do espectador.

O argumento de *A Pedra Sonha Dar Flor* – para o qual o próprio realizador contou com a colaboração de Eduardo Brito e Pedro Bastos – desenvolve-se, assim, como uma colagem de personagens e situações inspirada nos livros de Raul Brandão, criando um espaço/tempo em que os contrários se tocam e, de modo romanesco, conseguem dialogar entre si. Especialmente importante na respiração dramática do filme é o impecável tratamento da luz e das cores da direção fotográfica assinada por Jorge Quintela.

Amar ou morrer, diz o título do derradeiro capítulo do filme, condensando uma perturbação que percorre todos os momentos. O que está em jogo é, não apenas a resistência da vida ao silêncio irreversível da morte, mas a incerteza sobre o que significa viver os desejos que habitam cada uma das personagens – no capítulo de abertura, o mote é mesmo "não quero morrer sem ter vivido".

Há outra maneira de dizer isto: *A Pedra Sonha Dar Flor* nasce do amor dos livros, e pelos livros, na certeza de que o cinema tem poderes para os reler e encenar como pintura viva de corpos e almas. Por alguma razão, o valor relativo do corpo e da alma surge como um fantasma filosófico que assombra tudo e todos.

Afinal, "a vida é um ato de fé de todos os instantes". De forma inevitavelmente paradoxal, tal máxima espelha o próprio desejo cinematográfico de olhar o mundo à nossa volta a partir de uma metódica insatisfação. O cinema é essa máquina que reconhece a desordem do mundo e das relações humanas, acrescentando-lhe o bizarro poder realista da ficção — filmar é também não desistir da utopia ou, pelo menos, da sua herança histórica.

Mahjong: um jogo intelectual divertido e popular para o convívio social

O *mahjong* é um jogo disputado por quatro jogadores sentadoa nos quatro lados da mesa.

O *mahjong* é um jogo tradicional chinês que combina a estratégia e a sorte, sendo uma atividade recreativa popular para as reuniões familiares e ocasiões sociais.

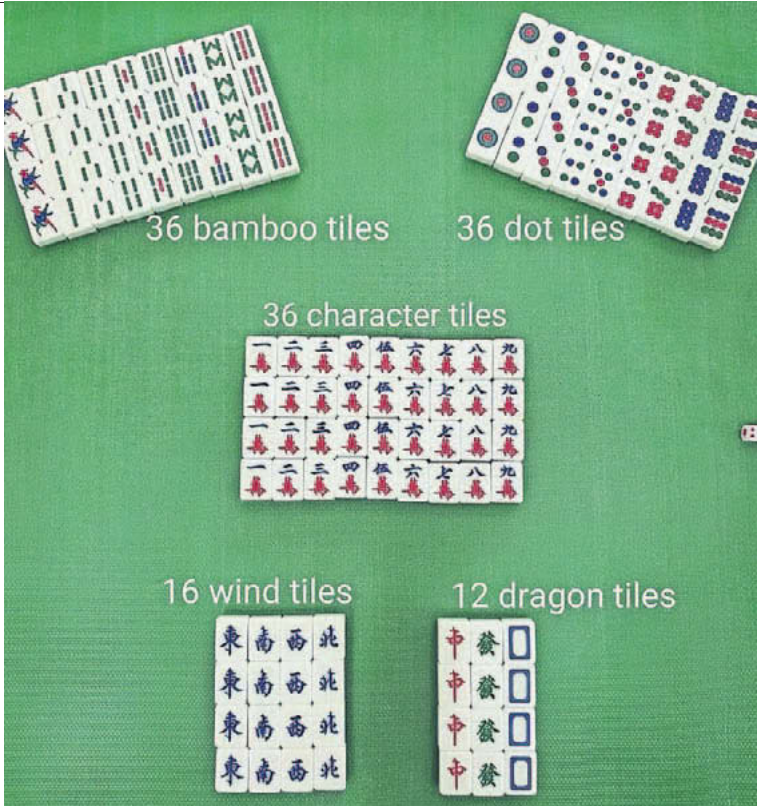
Já ouviram dizer a frase chinesa: "Falta um jogador para formar uma equipa de quatro?" Trata-se de uma expressão popular entre os chineses para convidar amigos para uma partida de *mahjong*, um jogo intelectual para quatro jogadores, criado pelos chineses antigos. Quando três pessoas estão presentes à mesa, usa-se a expressão atrás referida para indicar que é preciso mais um elemento para começar o jogo. Curiosamente, quando é necessário que mais pessoas participem numa atividade ou competição, pode também usar-se a mesma expressão para descrever a falta de participantes, com o objetivo de convidar mais pessoas para se juntarem.

O *mahjong* é uma das atividades de lazer preferidas dos chineses, seja durante as festividades, os fins de semana, as reuniões familiares ou os encontros com amigos, tanto nas zonas urbanas como nas rurais, onde é comum ouvir o som de pedras de *mahjong* a bater.

A paixão por este jogo tem a ver com o costume dos chineses de se juntarem para se divertirem. Em Guangdong, Hong Kong e Macau, no sul da China, as mesas de *mahjong* são indispensáveis nos banquetes de casamento, em torno das quais família e amigos gostam de se reunir para jogar.

Às peças do *mahjong* chama-se pedras, que são pequenas e retangulares, mas feitas de bambu, ossos de animais ou plástico, com diferentes padrões ou carateres chineses na face, cada uma valendo pontos e com significados diferentes. No norte da China, o conjunto inclui 136 pedras, já no sul, geralmente são 144, e as regras variam ligeiramente de região para região.

Os jogadores analisam os *lances* e tomam decisões com base nas suas pedras e nas dos adversários, de modo a obterem a melhor estratégia.

Um jogo de *mahjong* com pedras gigantes no *21.º Festival de Chinatown* em Vancouver, no Canadá, em julho de 2023.

Das pedras do jogo de *mahjong*, a *wan* (dez mil), a *tiao* (enfileiradas) e a *tong* (barril) derivam das moedas de cobre chinesas antigas furadas e unidas em fileiras por um fio, que simbolizam a riqueza. As pedras de vento, nomeadamente as *Dong* (Leste), *Nan* (Sul), *Xi* (Oeste) e *Bei* (Norte), representam a reunião dos membros da família que estão longe de casa, enquanto as das Três Flechas, *Zhong*, *Fa* e *Bai* simbolizam, respetivamente, a promoção no trabalho, a prosperidade e a integridade.

Os chineses dizem que a vitória no jogo de *mahjong* depende "70% da sorte e 30% por cento da habilidade". Diferente do *Go*, que exige uma grande capacidade de cálculo, se se quiser ganhar o jogo de *mahjong*, às vezes a sorte desempenha um papel mais decisivo. Ou seja, mesmo com grande habilidade, a falta de sorte pode impedir de se obter um feliz resultado do jogo. Talvez seja este o encanto do *mahjong*, que conta não só com a capacidade cerebral dos jogadores, mas também com o fator sorte.

As regras para vencer baseiam-se no *hu pai* (conseguir formar determinadas combinações de pedras). Uma vez obtidas estas, o jogador pode declarar a vitória com a palavra *hu le* (semelhante ao *bingo*).

O *mahjong* não é um jogo popular apenas na China, mas também nos círculos de chineses ultramarinos, e até há muitos adeptos estrangeiros. O jogo tem vindo a expandir-se no exterior desde o início do século XX, tendo-se difundido no Japão por volta de 1910 e tornado popular na Europa e na América a partir de 1920.

Nos últimos anos tem havido cada vez mais estrangeiros apaixonados pelo *mahjong*. Em 2015, foi fundada a Federação Internacional de *Mahjong* e, em abril de 2017, a Associação Internacional de Desportos da Mente (IMSA) anunciou ter aceitado a referida federação como membro de pleno direito. Desde então, o *mahjong* passou a ser o sexto desporto intelectual internacional oficial, depois do *Bridge*, *Go*, Xadrez, Damas e *Xiangqi*.

Além de ser um jogo intelectual divertido e uma atividade de convívio social popular, o *mahjong* pode oferece aos jogadores uma visão filosófica em relação à vida.

Julia Fiona Roberts, uma atriz vencedora de um Óscar, falou do *mahjong* numa entrevista, dizendo que é fã e joga com as amigas todas as semanas, partilhando a sua compreensão do jogo: "O *mahjong* ajuda-nos a criar ordem a partir do caos com base no sorteio aleatório das peças. É como se todos os dias tentássemos criar um pouco de ordem no caos da vida, com os nossos atos aleatórios de sabedoria e bondade."

Se os leitores estiverem interessados no *mahjong*, é fácil encontrar nas redes sociais instruções e vídeos que ensinam a jogar. Será muito interessante convidarem os vossos amigos e familiares para aprenderem juntos e experimentarem a diversão e o encanto únicos deste jogo.

INICIATIVA DO MACAO DAILY NEWS

Diario de Noticias
A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAES PORTUGUESES
Sexta-feira, 12 de Setembro de 1924
ALEXANDRE HERCULANO
HORAS DE GLORIA
O POVO E O GOVERNO vão consagrar amanhã OS HEROIS DA AVIAÇÃO
VIAGENS EM PORTUGAL
O ENCANTAMENTO DO BUÇACO
A GUERRA CIVIL NA CHINA

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 12 DE SETEMBRO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

HORAS DE GLORIA

O POVO E O GOVERNO

vão consagrar amanhã

OS HEROIS DA AVIAÇÃO

O grandioso cortejo civico — Um "Te-Deum" na Sé — Uma enternecedora carta dos doentes do hospital da Estrela

NAPOLEÃO E FONTAINEBLEA

VIAGENS EM PORTUGAL

O ENCANTAMENTO DO BUÇACO

O chá-tango no Palace-Hotel — A verbena — Um hotel modelar — A Cruz Alta — O museu do Buçaco — Aveiro, Coimbra e Viseu — As termas do Luso — Emidio Navarro

Comissão organizadora das juntas do Buçaco

ALEXANDRE HERCULANO

A. Herculano

(Gravura que abre o 1.º numero do «Ocidente» em 1878)

Passa hoje o 47.º aniversario do falecimento, em Vale de Lobos, do grande historiador, figura insigne, romancista e poeta, homem de velha tempera, dos de "um só rosto e uma só fé".

FAZ hoje 47 anos que morreu Alexandre Herculano, e pareceu ao *Diario de Noticias* que o facto devia ser comemorado nas suas colunas. Quando outras razões não houvesse, evocar esta grande e nobre figura, na longa crise moral que atravessamos, assume as proporções de um dever civico. Nenhum dos escritores que se ocuparam dignamente de Herculano deixou de pôr em foco a sua integridade, a sua rigidez de caracter, o seu estoicismo e sobretudo ninguem separou, ao contemplá-lo, os dois aspectos, moral e intelectual, da sua eminente personalidade.

O autor da *Historia de Portugal* afirmou sempre, por palavras e pelo exemplo da sua vida, a superioridade da vontade e do caracter sobre a inteligencia. Quem quer, pode: e mais de uma vez afirmou que, no dominio da pura realização literaria, tudo deveu ao seu querer. A sua canonização civil não podia ser mais prestigiosa. Em vida recebeu as homenagens de Macaulay, o brilhante prosador e historiador inglês. A geração que levantou a questão coimbrã e nas conferencias do casino tentou rasgar novos horizontes á inteligencia portuguesa, essa geração, nos seus homens mais proeminentes, saudou o solitario do Vale de Lobos; bastará lembrar Antero de Quental, Oliveira Martins, Junqueiro, Batalha Reis.

Depois da sua morte as letras castelhanas quasi se cobriram de luto perante o homem que não foi apenas o primeiro historiador português do seu seculo, mas um dos mais profundos conhecedores da historia da Peninsula. Na Academia Real da Historia de Madrid, o erudito Sanchez Moguel traçou dele um belo perfil literario. Em março de 1878, na Real Academia das Sciencias da Baviera, comemorando o aniversario da fundação da mesma academia, o seu ilustre presidente Doellinger, chefe do *velho catolicismo* alemão, depois de referir-se á morte recente do historiador português e ao dever de pôr em relevo a sua insigne personalidade, diz: «Merece-o; porque, prendado com assombrosa variedade de talentos e dispondo de uma força produtora que parecia inesgotavel, enriqueceu em muito a literatura e a sciencia e deu ao seu país tambem para tempos vindoiros um exemplo brilhante, deixando-lhe em seus escritos tesoiros indestrutiveis de conhecimentos e de civilização». Dos criticos estrangeiros, o ultimo em data, o sr. Aubrey Bell, denunciando a debilidade scientifica da historiografia portuguesa, abre uma excepção para Herculano que põe nitidamente entre os maiores historiadores modernos. Nesta consagração de escritores nacionais e estrangeiros é justo e forçoso pôr em evidencia os dois maiores continuadores do mestre: Alberto Sampaio, o erudito vimaranense, com as suas excelentes monografias, e o dr. Gama Barros com a sua obra monumental, de que estão já publicados quatro volumes e o quinto em activa preparação.

Não podemos deixar de lembrar com justo assombro que o dr. Gama Barros completou, ou vai completar, dentro de dias noventa e um anos de idade!

Estes dois nomes não podiam ficar esquecidos, pois continuar a obra de um grande escritor é a homenagem mais efectiva que se lhe pode prestar. Eles ampliaram, verificaram, rectificaram Herculano, como este ampliou, verificou, rectificou a obra dos grandes mestres da erudição que o precederam, desde Antonio Brandão a Coelho da Rocha, passando por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, Antonio Caetano do Amaral e João Pedro Ribeiro.

*

Na vasta obra de Herculano, obra consideravel de poeta, de publicista e de novelista, a *Historia de Portugal* e toda a sua produção como historiador e que lhe assinalam o lugar primacial que ocupa na nossa historia literaria. A *Historia de Portugal*, talvez a dos primeiros reinados mais do que qualquer outra, viera até Herculano como uma especie de toada escrita. Era indispensavel destrinçar nessa toada a lenda da historia e este trabalho critico exigia um esforço gigantesco, porque importava ao mesmo tempo uma demolição e uma reconstrução que só podiam levar-se a cabo com uma paciencia de beneditino e uma sagacidade por vezes divinatoria.

Examinar documentos que se traziam á luz pela primeira vez e se contavam por milhares; reintegrar outros em não menor numero que tinham sofrido as deformações do tempo; descriminar, interpretar, decifrar; classificar, agrupar; computar probabilidades, assentar balisas, desbravar a imensa *selva obscura*, arredando a vegetação parasitaria dos apocrifos; aparelhar todo este material e levantá-lo numa construção historica imponente, era simultaneamente fazer obra de terraplenador, cabouqueiro, alvenel e arquitecto.

Tarefa menos dura nos paises que, como a Alemanha, Inglaterra e França tinham atingido uma grande perfeição relativa na divisão do trabalho scientifico. Cremos que naqueles paises será muito dificil encontrar um homem que só por si realizasse um labor tão gigantesco. A historiografia europea atravessava na epoca de Herculano uma fase de crise que se revelava na transformação dos antigos processos, num afã de investigação minuciosa, de côr historica—estava-se em pleno romantismo—de galvanização do passado, de dar ao povo o primeiro lugar entre os actores da historia. Com estes objectivos, que eram os do seu tempo, concebeu Herculano o seu projecto, e concebeu-o ainda muito moço, quando alternava a escopeta do soldado das linhas do Porto com as canceiras de manuseador dos codices da Biblioteca do Porto, a cujo pessoal superior pertencia desde 1833.

*

A génese da sua *Historia de Portugal* explicou-a ele mesmo, e ninguem melhor do que ele o podia fazer, em algumas linhas ou revelações que nos deixou. Referindo-se em 1843 numa das suas mais interessantes monografias, a Pedro feudo tirou, um dos chefes burgueses da revolta contra o bispo do Porto, diz Herculano em nota:

«A historia deste drama popular, que não cabe aqui, reservamo-la para um trabalho mais vasto, a que hoje quasi exclusivamente consagramos as nossas vigilias — os *Estudos sobre a idade média portuguesa*». Estes *Estudos*, desenvolvimento logico de um germe que fermentava já no espirito do esquadrinhador dos papeis velhos da Bibliotéca do Porto, nas preocupações do articulista do *Panorama*, no plano já concretizado das *Cartas sobre a Historia de Portugal*, vieram a tomar a forma definitiva na obra fundamental cujo primeiro volume saía finalmente á luz em 1846, o segundo em 1847, o terceiro em 1849 e o quarto em 1853. O prefacio deste ultimo rompe por estas linhas:

«Apesar das extremas dificuldades que encerram as materias de historia social, tratadas neste volume, materias cujo estudo, não receamos dizê-lo, é quasi inteiramente novo em Portugal, ele poderia ter sido publicado com bastantes meses de antecipação, se acontecimentos imprevistos não houvessem por algum tempo distraido o autor de um trabalho a que votava os seus maiores esforços e as suas mais longas vigilias.»

Com efeito, é neste volume que Herculano se ocupa das nossas instituições municipais, talvez a parte principal e certamente a mais original da sua obra de historiador, explicando-se o tardio aparecimento deste volume pelo papel que o autor teve no movimento da Regeneração.

Mais tarde, já no ocaso da sua vida admiravel, dizia ele a Oliveira Martins: «Eu comecei por imaginar apenas uma historia do povo e das suas instituições, alguma coisa no genero da *Histoire du Tiers Etat*, de Thierry, mas mais desenvolvida; porém, tendo coligido materiais para a primeira epoca, vi que possuia neles tudo o que era necessario para a historia politica; daí veio a resolução de escrever uma *Historia de Portugal*». Não faltou quem afirmasse a pobreza do espirito sintetico de Herculano. Ele dizia com frequencia que era um homem de analise e isso era então e ainda é hoje o que sobretudo importa. Sinteses de quê? Ha periodos inteiros da historia portuguesa cujo estudo não foi talvez sequer esboçado. Os passos que deixamos transcritos mostram-nos a origem, o desenvolvimento e a concretização gradual da grande obra do mestre. Ele fez o que era preciso fazer-se, o que era possivel fazer-se e, até onde o deixaram, aquilo que quis fazer.

MANUEL RAMOS

FILIPE AMORIM / LUSA

Tarde de luta para afastar chamas de paiol da NATO

INCÊNDIO Fogo começou num carro, na A33, descontrolou-se mas não houve habitações em risco durante o dia.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Mais de 400 bombeiros combateram ontem um incêndio que deflagrou ao início da tarde, no Concelho do Seixal. Depois de um automóvel se ter incendiado na A33, as chamas alastraram rapidamente a uma zona florestal.

A meio da tarde, surgiu o principal foco de preocupação. Depois de as chamas terem entrado na Herdade da Apostiça, os bombeiros tiveram de lutar para evitar que o incêndio alcançasse o depósito de munições da NATO, localizado na Freguesia de Fernão Ferro. Num balanço feito pelas 20.00 horas, o responsável máximo do Comando Sub-Regional de Emergência e Proteção Civil de Setúbal, Sérgio Moura, explicou que existia "um oficial de ligação" do Exército que estava em contacto permanente a monitorizar a situação.

Nessa mesma declaração, o comandante Sub-regional afirmou ainda que, por precaução (e devido às difíceis condições de visibilidade), foi cortada, ao início da noite, estrada que liga o paiol a Alfarim.

Sérgio Moura deixou ainda a garantia de que "não houve" habitações em risco em qualquer altura do incêndio – apesar de ter chegado a ser noticiado que uma habitação tinha sido destruída. O único dano a registar até então foram "seis carros, em propriedade privada", cujo dono não se encontrava no local. Isto além de outros que já tinham ardido, ainda na autoestrada, junto ao primeiro carro.

A essa hora, o incêndio ainda não estava dominado. O vento continuava a manter-se "intenso, a velocidade de propagação do incêndio" ainda era elevada.

"Temos os meios empenhados em todo o perímetro do incêndio. Tencionamos dominá-lo no mais curto intervalo de tempo, disse o responsável. Como medida de prevenção, tinham então sido colocados vários meios para fazer face a qualquer eventualidade junto do paiol da NATO e num posto de abastecimento de combustíveis da EN378, entre Seixal e Sesimbra, no distrito de Setúbal.

Ao início da noite, foi feito um reforço de meios, uma vez que os trabalhos das aeronaves de combate aos incêndios – que chegaram a ser 11 a operar ao mesmo tempo – terminam ao pôr do sol. À hora do fecho desta edição, havia 416 bombeiros no terreno, apoiados por 141 meios terrestres. **Com LUSA**

BREVES

Governo quer aumentar verbas olímpicas 20%

Na receção de ontem aos atletas que estiveram em Paris2024, o primeiro-ministro, Luís Montenegro, disse que tenciona "fazer crescer acima de 20%" o valor alocado aos contratos-programa para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Los Angeles2028. No ciclo olímpico de Paris2024, o valor global de apoio do Governo, então liderado por António Costa, foi de 31,2 milhões de euros, sendo 22 milhões referentes ao contrato-programa do Comité Olímpico e 9,2 milhões para o Comité Paralímpico, para o período de 2022-2025. Portugal conquistou quatro medalhas nos JO e sete nos Paralímpicos.

Presos políticos na Venezuela são já 1808

A organização não-governamental (ONG) venezuelana Fórum Penal (FP) indicou ontem que o número de presos políticos no país chegou aos 1808, o maior deste século, a grande maioria dos quais desde os protestos pós-Eleições Presidenciais. "Registámos e qualificámos o maior número de presos por motivos políticos conhecido na Venezuela, pelo menos no século XXI, e continuamos a receber e a registar detidos", anunciou a ONG no X. Os dados, atualizados até 9 de setembro, indicam ainda que mais de 9000 pessoas continuam "submetidas arbitrariamente" a restrições à liberdade.

Sobe & desce

POR **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

FERNANDO ALEXANDRE
A recomendação da proibição de *smartphones* nas escolas para o 1.º e 2.º (e restrição no 3.º) ciclos é sinal de que quem nos governa está a par do que se passa em muitas salas de aula deste país. Talvez o ministro da Educação possa criar também regras na matéria noutros níveis de ensino.

MIGUEL GOMES
Grand Tour é o candidato de Portugal para as nomeações para Melhor Filme Internacional. Se o filme, que estreia no dia 19, chegar à 97.ª edição dos Óscares, prevista para março de 2025, será algo inédito. Mas *Grand Tour* já fez história quando garantiu a Miguel Gomes o Prémio de Melhor Realização no Festival de Cannes.

DONALD TRUMP
Sem surpresa, o candidato republicano mostrou no debate na ABC News estar menos preparado para a Casa Branca do que Kamala Harris. A novidade é que, ao contrário do que aconteceu na campanha de 2016 em que derrotou Hillary Clinton, o impreparado Donald Trump parece agora acreditar menos em si próprio.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção** Filipe Alves (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira, Nuno Vinha e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56756
5 605290 023002